

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA

Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira, E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00

Assinatura anual 20\$00

ANO XIX

NOVEMBRO 1958

N.º 146

SEMANA DE ORAÇÃO E SACRIFÍCIO

(15 a 22 de Novembro de 1958)

APELO DO CONSELHO DA CONFERÊNCIA GERAL

Encontramo-nos no limiar da eternidade. Cada dia nos aproxima mais da volta do Senhor e ainda mais da grande crise que provará cada alma na terra. Sòmente uma igreja espiritualmente desperta e triunfante poderá ficar de pé nessa hora tremenda. Fomos advertidos de que «se está levantando uma grande tempestade que porá à prova o fundamento espiritual de cada um. Portanto evitai o banco de areia e procurai a rocha. ...Lançai um fundamento firme. Edificai, oh!, edificai para a eternidade! Edificai com lágrimas, com orações sinceras». — Testimonies, Vol. 5, págs. 129, 130. Incerteza, perplexidade e confusão abundam por toda a parte. Acontecimentos que abalam o mundo estão tomando lugar com espantosa rapidez. Só aqueles que foram transformados na semelhança de Nosso Senhor Jesus Cristo podem fazer face a tais condições. Em vista dos acontecimentos que temos diante de nós,

Apelamos para que nesta próxima Semana de Oração, com profundo exame de consciência e a alma sequiosa de Deus, procuremos mais estreitas relações com o Senhor Justiça Nossa.

Este tem sido desde o princípio o objectivo das nossas Semanas de Oração anuais. Tendo em mente que durante mais de setenta anos estas convocações à oração têm trazido grandes bênçãos para a igreja de Deus, nós, reunidos em Concílio de Outono, sentimos que, em vista da gravidade dos tempos, o nosso povo em toda a parte devia esforçar-se por fazer nesta Semana de Oração uma experiência vital de bênçãos espirituais e de vitória. Incitamos todos os nossos ministros e obreiros a tomarem um interesse particular e pessoal em que nesta ocasião se operem um reavivamento e uma reforma genuínos, procurando, por meio das mensagens especiais publicadas na Revista da Semana de Oração, levar a igreja a preparar-se para a poderosa manifestação do Espírito Santo, e utilizando para este fim as leituras especiais que foram preparadas.

De todos os lados acenam portas abertas aos arautos do Evangelho cheios do Espírito de Deus. Em breve muitas destas portas se fecharão. Agora é a nossa oportunidade. Hoje mais do que nunca a causa de Deus encontra-se numa posição proeminente aos olhos do mundo. Tendo o sentimento de que esta é de facto a hora do nosso destino, esforcemo-nos para fazer desta Semana de Oração a maior bênção espiritual da nossa história.

(Leitura para Sábado, 15 de Novembro de 1958)

O GRANDE PRIVILÉGIO E A RESPONSABILIDADE DE SER ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

«O vosso coração se alegrará e a vossa alegria ninguém vo-la tirará.» João 16:22.

EIS a certeza que Nosso Senhor deu aos Seus seguidores. Ainda que a vida do cristão consista muitas vezes em provações e pesares, este conhece no entanto um gozo profundo, constante e duradouro. Nada dele o pode privar. «Aqui vos trago novas de grande alegria», (Luc. 2:10) disse o anjo aos maravilhados pastores, anunciando o nascimento do Salvador. As alegres novas eram: «Pois na cidade de David vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor». Os servos de Deus têm boa razão de se alegrar. Um Salvador veio a este mundo, trazendo à luz vida e imortalidade. Esta mesma certeza cantou, pela fé, o Salmista: «E a minha alma se alegrará no Senhor; alegrar-se-á na Sua salvação». Sal. 35:9. «Para que eu conte todos os Teus louvores às portas da filha de Sião, e me alegre na Tua salvação». Sal. 9:14. «Mas alegrem-se os justos, e se regozijem na presença de Deus, e folguem de alegria». Sal. 68:3. Esta é a norma de vida do verdadeiro cristão.

«Os cristãos deviam ser o povo mais alegre e feliz do mundo.» — *My Life Today*, pág. 177.

«O lado brilhante e deleitável da nossa religião encontrará a sua expressão em todos os que diariamente se consagrarem a Deus. Não devemos desonrá-Lo com a narração queixosa de provações que se nos afiguram penosas. Todas as provações que forem encaradas como instrumentos educativos produzirão alegria. Uma vida religiosa sã será de maneira a elevar e enobrecer e espalhará à sua volta um perfume de boas palavras e actos.» — *Testimonies*,

Por R. R. FIGUHR

Vol. 6, págs. 365, 366. (Edição Mundial, Vol. III, págs. 31, 32).

A pregação e a aceitação do Evangelho têm sempre como resultado o regozijo. «E descendo Filipe à cidade de Samaria, lhes pregava a Cristo. ...E havia grande alegria naquela cidade». Act. 8:5, 8. O povo de Samaria havia sido um povo triste, a luta pela vida fora-lhes um fardo pesadíssimo. Mas agora lançaram fora as suas cargas e exultaram — recebendo o «óleo de gozo por tristeza, vestido de louvor por espírito angustiado». (Isa. 61:3). Rostos alongados pelos cuidados e ansiedades se enterneceram e iluminaram de esperança. A alegria invadiu os corações substituindo neles toda a tristeza e dor. O gozo dos novos cristãos de Samaria tornou-se maior do que as perplexidades e aflições de toda a sua vida. As boas novas libertaram o povo e restituiram a paz às consciências. Começaram a ter uma vida plena de alegria. Muitos haviam sem dúvida vivido em pecado, como a mulher que o Senhor encontrou junto ao poço, mas agora, entrando em contacto com o representante do Mestre e aceitando Cristo como seu Senhor, dedicaram-se à pureza e à santidade. Diz-nos o relato: «E havia grande alegria naquela cidade». Que declaração tão maravilhosa e expressiva acerca das bênçãos do Evangelho!

O editor de um jornal secular enviou um repórter numa missão interessante: devia ele dirigir-se a pessoas felizes e perguntar-lhes o

que havia feito a sua felicidade. Depois de passar algum tempo nesta investigação entrevistando pessoas felizes, voltou o repórter com o seu relatório para o editor. Encontrara que as pessoas felizes atribuíam a felicidade ao conforto e à ajuda proporcionados pela sua fé religiosa. Oitenta por cento eram felizes por serem religiosos. Comenta então o editor que estas pessoas se encontram em face das mesmas circunstâncias externas que as outras; enfrentam os mesmos obstáculos que se apresentam às outras. A diferença não reside naquilo que as rodeia; deve estar, observa ele, nos corações. Por outras palavras, a fé deles vence o mundo.

«A infelicidade pode ser a principal causa de morte na sociedade moderna,» diz o Dr. Kenneth Appel, presidente da *National Commission on Mental Illness and Health* (Comissão Nacional de Saúde e Doenças Mentais). Appel atribui em parte o grande aumento de ataques, úlceras e alta pressão arterial a uma crescente tensão nervosa: «Na longa jornada, a satisfação é tão importante para a saúde como a própria nutrição. A privação das principais coisas necessárias produz tensão. Quando a tensão é irresistível produz doenças catastróficas.» — *Time*, 14 de Maio de 1956.

Não é necessário que assim seja. Não temos necessidade de ser vítimas de ataques, úlceras e excessiva pressão arterial. Não temos necessidade de que a tensão nervosa nos abata e nos destrua. Não

precisamos de, como fazem alguns, «...trazer a religião às costas como um fardo, quando deviam trazê-la como um cântico no coração».

‘O coração alegre serve de bom remédio.’ Gratidão, alegria, benevolência, confiança no amor e no cuidado de Deus, — são estas as melhores defesas da saúde. Para os Israelitas deviam mesmo constituir a nota dominante na vida.»—*Ministry of Healing*, pág. 281.

A alegria do cristão deve ser irreprimível. Não deve depender de circunstâncias exteriores. Uma fé que sustém, maior do que todos os problemas da vida, deve fortificá-lo para o que quer que possa sobrevir-lhe. Paulo e Silas, depois de um açoite que lhes deixou as costas em carne viva e sangrando, foram seguramente acorrentados na escura cadeia de Filipos. Que fizeram eles? Cantaram, não lamuriosas endechas, mas alegres hinos vindos das profundezas do coração. Cantaram até à meia-noite. Deviam conhecer uma quantidade de belos hinos apropriados. Talvez cantassem por não poderem dormir. Uma prisão fria e escura, com os pés presos no tronco e as costas dilaceradas e sangrando, não convidava a cantar. Muitos com muito menos razão para se lamentar, murmuram e revoltam-se por causa da sua sorte, que julgam pior do que a parte que lhes deveria caber das penas da vida. Esses podiam ser grandemente beneficiados cantando alguns bons hinos. Eis aqui dois homens em cujo coração habitava a alegria da salvação, que por coisa alguma se deixariam subjugar, acontecesse o que acontecesse. Cantaram a paz e a alegria que lhes enchiam o coração. Aquela prisão em Filipos, habituada a muitos sons, jamais ouvira um canto tal. Imprecações, desafios e gritos de desespero ouviam-se ali muitas vezes. Mas naquela noite havia um canto ordenado e calmo, «e os outros presos os escutavam», relata a Bíblia. Se marcavam cor-

rectamente o compasso e respeitavam todas as regras da música, não sabemos, mas podemos ter a certeza de que entoavam bem com a esperança e a certeza dos cristãos. Isto deve ter produzido um efeito tranquilizador sobre todos, pois o carcereiro caiu em profundo sono.

A atitude de Paulo e Silas em Filipos parece ter sido a atitude geral dos apóstolos. Lemos duma experiência anterior: «E chamando os apóstolos, e tendo-os açoitado, mandaram que não falassem no nome de Jesus, e os deixaram ir. Retiraram-se pois da presença do conselho, regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus». Act. 5:40,41. Era impossível expulsar deles a alegria. Quando postos em liberdade continuaram a regozijar-se e a pregar. Estas duas coisas parece que se ajustavam. Eles regozijavam-se pregando e o povo regozijava-se porque eles pregavam.

Os séculos testificam de que há algo de super-humano na alegria do verdadeiro discípulo do Senhor. A sua fé chama-o a seguir um caminho difícil, o caminho da abnegação, do sacrifício, da vergonha e até mesmo da morte. Requer-se dele que considere todas as possessões terrenas de muito menos valor que a fé que professa. Para o espectador não advertido, isto pode parecer o caminho mais indesejável. No entanto é o único caminho onde encontrar a verdadeira satisfação e a felicidade duradoura. A razão revela-a o próprio Mestre numa das Suas parábolas — «Também o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem, e compra aquele campo». Mat. 13:44.

Um cristão adquire realmente alguma coisa de inestimável valor. Comparando-a com as coisas terrenas, não se pode calcular essa preciosidade. «Na parábola, o campo que encerra o tesouro, representa as Sagradas Escrituras. E o evangelho é o tesouro. A terra, todavia, não está tão permeada

de veios auríferos nem tão cheia de preciosidades como a Palavra de Deus». — *Parábolas de Jesus*, pág. 104. Foi por apreciar o valor do tesouro contido no campo, que o homem da parábola se desfez de todos os seus bens terrenos para adquirir esse campo. Ele estava decidido a adquirir o tesouro ali contido. Assim acontece com aqueles que descobrem o valor do tesouro celeste. Deixando tudo, sacrificando reputação e bens, suportando prisão, açoites, vergonha, tudo aceitam alegremente pelo gozo de possuir o tesouro. Reconhecer o valor da verdade contida na Palavra de Deus, e possuí-la sem a deixar perder, é o segredo da alegria do seguidor de Cristo.

De todos os povos do mundo, aquele que possui o maior motivo de regozijo é o povo remanescente que espera o breve aparecimento do seu Senhor. A volta de Nosso Senhor a esta terra e a redenção final do Seu povo são a grande consumação do plano divino de salvação. A certeza de que os sofrimentos do tempo presente não merecem ser comparados com a glória que em nós será revelada, dá firmeza ao povo de Deus para a tentação e a prova. O povo de Deus, ainda que perseguido e sofrendo, contempla o dia em que poderá levantar a cabeça e exclaimar: «Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, ...na Sua salvação gozaremos e nos alegraremos.» Isa. 25:9.

A profundidade e a pureza do gozo do cristão determinam-se pelo fervor com que ele acaricia a esperança da breve volta do Senhor. Não se poderiam dar palavras de maior conforto aos pesarosos discípulos quando o Mestre se ausentou deles, que aquelas que exprimem a certeza da Sua volta. Hoje, o remanescente de Deus, separado do mundo, acaricia como a sua esperança e conforto a certeza de que o seu Senhor voltará em breve. Vêm reveses, vêm perseguições, corações se entristecem pela morte, mas os que fazem parte desse povo «consolam-se uns aos outros com estas palavras».

Os nossos pioneiros do Advento exprimiram muitas vezes a sua ale-

gria ao pensamento da vinda de Jesus:

«Sê fiel, sê feliz, sê alegre até lá
E uma c'roa brilhante de glória terás.»
— *Church Hymnal*, pág. 669.

«Não chores mais, se nos veremos
Onde a tristeza entrar não vai!
Tudo passado, gozo teremos,
Salvos no lar do nosso Pai.»
— *Idem*, pág. 665

Regozijando-se na rápida consumação da sua acariciada esperança, o crente adventista não passa por alto a sua responsabilidade para com os companheiros. Ele deve também dar-lhes o conhecimento da fé que o anima. O mundo desespera por não ter essa esperança. Não há solução para os problemas da terra, senão que «os reinos deste mundo virão a ser o reino de nosso Senhor e do Seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre». Usando as palavras do profeta, a terra está-se envelhecendo como um vestido. Sem a promessa da segunda vinda do Senhor, o futuro é negro e desesperador. Mas «virá o nosso Deus, e não se calará», assegura-nos o Salmista. «Olhai para cima, e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima», é a exortação do Senhor aos Seus filhos vivendo nos críticos últimos dias. «Para cima», é a única direcção para onde podemos olhar com esperança, onde o Senhor ainda mantém as rédeas e onde Ele vela pelo destino do Seu povo.

Neste tempo, de todos o mais solene, como testemunha o crente adventista da sua fé, e como se desempenha ele da sua importante responsabilidade como testemunha do Senhor? Será ele uma testemunha só de palavras, de profissão formal? Está escrito da própria vida do Mestre na terra que «a vida era a luz dos homens». Uma vida cristã coerente é ainda a melhor maneira de dar testemunho.

«Não é somente pregando a verdade, ou distribuindo literatura, que devemos ser testemunhas de Deus. Lembremo-nos

de que uma vida semelhante à de Cristo é o mais poderoso argumento que pode ser apresentado em favor do cristianismo, e que o cristão que não é fiel à sua profissão causa mais dano ao mundo do que um mundano. Nem todos os livros escritos poderiam substituir uma vida santa. Os homens acreditarão, não o que o ministro pregue, mas o que a Igreja pratique em sua vida. Demasiado a miúdo a influência do sermão pregado do púlpito é anulada pelo sermão feito na vida dos que professam ser partidários da verdade.»— *Testemunhos Selectos (Edição Mundial)*, Vol. III, págs. 289, 290.

Que perfeita norma do testemunho cristão! Quão maravilhosamente eficaz será o nosso testemunho quando seguirmos conformemente esta norma. Caro crente adventista, deves segui-la. Não podemos, não nos atrevemos a ser indiferentes, mornos, incoerentes, negando com a maneira de viver o que professamos com os lábios. A fé adventista deve ser demonstrada praticamente na vida dos adventistas. As palavras só têm peso quando a vida está de acordo com elas.

Temos, como povo que espera confiantemente o aparecimento do seu Senhor, uma responsabilidade tanto para com os que estão perto como para com os que estão longe de nós.

«Chegado é o tempo em que a mensagem da breve volta de Cristo deve soar através do mundo.»— *Idem*, pág. 293.

Isto está para realizar-se por intermédio da Igreja Remanescente. A Igreja deve fazer soar clara e convincentemente aquilo que sinceramente crê e pratica. Há muitos adeptos de outras religiões que têm teoricamente a doutrina da segunda vinda de Cristo como um dos dogmas dos ensinamentos da sua igreja. Mas para a Igreja Remanescente, a iminência do aparecimento do Senhor deve ser realística, e ela deve estar fazendo todo

o possível para proclamar poderosamente a mensagem: «Aí vem o Esposo, sai-Lhe ao encontro». Aqui o mundo acreditará, não tanto o que disser o pregador, como o que vir na vida da igreja. Por isso quão importante é que vivamos segundo a nossa profissão de crentes. Nos nossos negócios, no nosso lar, com os nossos bens, e em todas as nossas actividades, seja o nosso testemunho: «Eis que Ele vem». Proclamar esta mensagem ao mundo é a tarefa designada à Igreja Remanescente. Enquanto nos regozijamos com esta esperança, diligenciemos para que ela seja conhecida de toda a nação, tribo, língua e povo. É esta a nossa responsabilidade. Não se poderia terminar melhor a primeira leitura desta Semana de Oração, do que com a seguinte alegre antecipação desse glorioso acontecimento, da pena da mensageira do Senhor:

«O Senhor há-de vir cedo, e precisamos estar preparados para encontrá-Lo em paz. Estejamos resolvidos a fazer tudo quanto está ao nosso alcance para comunicar luz aos que nos cercam. Não devemos estar tristes, mas animosos, e ter sempre perante nós o Senhor Jesus. Ele virá logo, e devemos estar prontos e aguardando o Seu aparecimento. Oh, quão glorioso será vê-Lo e receber as boas-vindas como remidos Seus! Por muito tempo temos esperado; mas nossa esperança não deve diminuir. Se tão-somente pudermos ver o Rei em Sua formosura, seremos para sempre benditos. Tenho a sensação de que devesse exclamar alto: «Rumo ao lar!» Estamos-nos aproximando do tempo em que Cristo virá com poder e grande glória para levar ao lar eterno os Seus resgatados.»— *Testemunhos Selectos (Edição Mundial)*, Vol. III, pág. 257.

Que esta Semana de Oração nos traga de novo a consciência de que vamos «rumo ao lar» e que em breve estaremos com o nosso Senhor nessa Nova Terra que Ele foi preparar para aqueles que amarem a Sua vinda.

(Leitura para Domingo, 16 de Novembro de 1958)

O POVO DE DEUS E A PROFECIA

«Não havendo profecia, o povo se corrompe...»

Provérbios 29:18.

NÓS somos um povo de profecia, um povo que recebeu a bênção duma visão celestial.

Os mensageiros de Deus não se devem encontrar dando uma mensagem lisonjeira e popular num tempo como este. Ao contrário, «Ó Jerusalém! sobre os teus muros pus guardas, que todo o dia e toda a noite de contínuo se não calarão: ó vós, os que fazeis menção do Senhor, não haja silêncio em vós». Isaías 62:6.

A este respeito faz Paulo a pergunta: «Porque, se a trombeta der somido incerto, quem se preparará para a batalha?» I Coríntios 14:8.

Não haverá o perigo de, como povo, estarmos cedendo à tentação de pregar coisas apazíveis — quando o que se precisa é de um alarme, — mensagens agradáveis, que não são a verdade presente?

Paulo recomenda à igreja que esteja sempre alerta — sempre vigilante e atenta. «Pois que, quando disserem: Há paz e segurança; então lhes sobrevirá repentina destruição, ...e de modo nenhum escaparão. Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão... Não durmamos pois, como os demais, mas vigiemos e sejamos sóbrios». I Tessalonicenses 5:2-6.

Em Mateus 24 Jesus advertiu de que alguns dos Seus servos estariam dizendo: «O meu Senhor tarde virá». Para ilustrar, relatou Ele a parábola das dez virgens. Notai algumas das solenes observações do Mestre:

«E, tardando o esposo, tosquenejaram todas, e adormeceram.» Talvez não nos agrade a palavra «todas» nesta frase, mas ela lá está. «Tosquenejaram todas, e adormeceram.»

«As que estavam preparadas entraram e a porta fechou-se.»

«Apartai-vos de Mim. Nunca vos conheci.»

Por FORDYCE W. DETAMORE

Estamos todos em grave perigo de condescendência e conformação com esta vida. Com as nossas casas e terras, as nossas comodidades modernas e os nossos bonitos automóveis, estamos gozando a nossa paz em Sião. Deus tem de nos sacudir. Deus tem de nos acordar. Que hora tão propícia para vivermos! Sim, mas que hora tão medonha para estarmos em sossego com um mundo que vai direito à destruição, sem estar preparado e quase inadvertido!

Tomamos nós as profecias tão a sério como devíamos? Aceitamo-las nós tão literalmente quanto devemos para nos pormos alerta antes que seja tarde demais? Não haverá o perigo de procurarmos espiritualizar alguns sinais e advertências da profecia, até que a nossa trombeta comece a não dar um somido certo? Não se está o nosso toque de trombeta transformando numa canção de embalar?

O capítulo dois de Habacuque apresenta-nos a estranha situação dum profeta ou pregador perplexo: «Sobre a minha guarda estarei, e sobre a fortaleza me apresentarei e vigiarei, para ver o que fala comigo, e o que eu responderei, quando eu for arguido. Então o Senhor me respondeu, e disse: Escreve a visão, e torna-a bem legível sobre tábuas, para que a possa ler o que correndo passa. Porque a visão é ainda para o tempo determinado, e até ao fim falará, e não mentirá: se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará». Habacuque 2:1-3.

Parece que Habacuque se preocupou mais com a maneira como responderia às objecções e às críticas que fariam à sua mensagem, do que com a importância de fazer soar a advertência. Teve medo de que a sua mensagem parecesse

não ter a seu lado provas e argumentos suficientes para satisfazer os chamados eruditos. «O que responderei, quando eu for arguido».

Mas notai a resposta de Deus: Habacuque, não te preocupe o que hás-de responder quando fores arguido. O que tens a fazer é apresentar a profecia. Podem eles explicar ou espiritualizá-la de maneira a não lhe encontrarem nenhum sentido definido; podem dizer que o tempo indicado falhou, mas «até ao fim falará, e não mentirá: se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará».

Já é tempo para como povo darmos um somido certo à trombeta profética. O mundo está no caos e na confusão. Que hora esta para se apresentarem as verdades proféticas do Advento à maneira antiga! Que ocasião para se voltar a fazer soar a trombeta de alarme da profecia!

Não somos somente um povo de profecia, mas um povo de profecia cronológica, que foi concebido no livro de Daniel e trazido à luz no livro do Apocalipse — filho do destino — filho dos profetas — com uma mensagem para esta hora especial.

Nenhum outro povo está proclamando ou pode proclamar a mensagem da hora do Juízo. Nenhum outro está dando ou pode dar a explicação da advertência respeitante ao sinal da besta. Nenhum outro se encontra em posição de dar o último chamado a sair de Babilónia e por isso perfeitamente enquadrado no clímax profético de Apocalipse 18:1.

«E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória.»

Olhando hoje para o relógio profético, não é certamente muito difícil ver que horas são: «Então lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino; e haverá em vários lugares grandes terremotos, e fomes e pestilências; haverá também coisas espan-

tosas, e grandes sinais no céu». Lucas 21:10,11.

Não estão aparecendo nestes dias coisas espantosas e grandes sinais no céu? Certamente. Os homens ficaram súbitamente aterrorizados por projecteis e satélites disputando-se um lugar no céu. «Homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo. Porquanto as virtudes do céu serão abaladas». V. 26.

Os homens vigiam com apreensão o aparecimento no céu de coisas ainda mais terríveis.

Que virá a seguir? Jesus conclui:

«Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima.» V. 28.

Em *Early Writings* (Primeiros Escritos), pág. 36, a irmã White lembra-nos que a ira das nações indica que a hora vai adiantada: «As nações estão-se agora irando, mas quando o nosso Sumo Sacerdote tiver terminado a Sua obra no santuário, Ele se levantará, vestirá as vestes de vingança, e então serão derramadas as sete últimas pragas».

João viu o conflito internacional como o último presságio da hora da ceifa da terra. «E tocou o sétimo anjo a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do Seu Cristo, e Ele reinará para sempre... E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dardes o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra». Apocalipse 11:15,18.

«E ainda em Apocalipse 16:12, 14-17: «E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do oriente... Porque são espíritos de demónios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-poderoso. Eis que venho como ladrão...

E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom. E o sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu grande voz do templo do céu, do trono, dizendo: «Está feito». Os reis do Oriente estão em movimento. As nações estão iradas. A Terra parece de facto estar-se reunindo no Armagedom.

Cita-se hoje frequentemente testemunhos não publicados. Eu, porém, interesse-me mais pelos publicados. Que completa advertência nos foi dada como a um povo. Releiamos alguns destes solenes avisos, exortações e apelos, enquanto fala a Inspiração:

«A transgressão já atingiu quase o seu limite. A confusão enche o mundo, e um grande terror em breve tomará posse dos seres humanos. O fim está muito próximo. Nós que sabemos a verdade devíamos-nos estar preparando para o que breve sobrevirá ao mundo com alarmante surpresa». *Testimonies*, Vol. 8, pág. 28.

A respeito do terrível perigo de haver no nosso meio atitudes liberais modernistas ou fantasiosas para com a profecia e do perigo de desvio das antigas veredas das profecias do Advento, ouvimos este apelo quase agonizante da serva do Senhor:

«Quem pode saber se os pregadores de hoje que são fiéis, firmes e verdadeiros não serão os últimos oferecendo o evangelho da paz às nossas desagradecidas igrejas? Pode ser que os destruidores já se estejam exercitando sob a direcção de Satanás e apenas esperando a partida de mais uns poucos porta-bandeiras para tomarem o seu lugar, e com a voz do falso profeta clamarem: Paz, paz, quando o Senhor não falou de paz. Choro poucas vezes, mas neste momento sinto os olhos rasos de lágrimas; elas caem-me sobre o papel enquanto escrevo. Talvez que daqui a não muito tempo tenha chegado o termo de toda a profecia entre nós, e que a voz que tem despertado o povo não volte mais a perturbá-lo na sua carnal sonolência». *Testimonies*, Vol. 5, pág. 77.

Realmente, não vai sendo tempo de deixarmos de nos importar

tanto com o que os outros pensem de nós e de parar com as nossas fantasiosas interpretações proféticas e voltar às veredas antigas? O mundo precisa — sim, e nós precisamos — de uma mensagem de profecia mais do que duma mensagem de psicologia numa hora como esta. O mundo precisa de um Salvador, mais do que dum psiquiatra.

«Estamos na iminência de importantes e solenes acontecimentos. Cumprem-se as profecias. Uma estranha e acidentada história está sendo registada nos livros do Céu. Tudo em nosso mundo se mostra em estado de agitação. Há guerras e rumores de guerras. As nações estão iradas, e é chegado o tempo dos mortos para serem julgados. Os acontecimentos se sucedem, alternando-se e apressando o dia de Deus, que está muito próximo. Só nos resta, por assim dizer, um pequeno instante. Mas, conquanto nação se esteja levantando contra nação e reino contra reino, não se desencadeou ainda um conflito geral. Ainda os quatro ventos sobre os quatro cantos da Terra estão sendo retidos até que os servos de Deus estejam assinalados na testa. Então as potências do mundo hão-de mobilizar as suas forças para a última grande batalha». *Testemunhos Selectos* (Edição Mundial), Vol. II, pág. 369.

Estes avisos sobre as condições prevalecentes entre as nações nos últimos dias são claros demais para admitirem qualquer espiritualização do seu sentido. Dá-nos aqui a trombeta um somido certo e quem ousará fazê-la emudecer?

A situação actual das nações só aumenta o valor das maravilhosas oportunidades que tem o nosso povo de fazer brilhar a sua luz.

«Anjos de Deus estão movendo o coração e a consciência do povo de outras nações, e almas sinceras estão preocupadas por testemunharem os sinais dos tempos na instabilidade das nações. Nasce uma pergunta nos seus corações: 'Qual será o fim de tudo isto?' Enquanto Deus e os anjos estão à obra impressionando os corações, os servos de Cristo parecem estar dormindo. Poucos estão trabalhando

em uníssono com os mensageiros celestes.» *Testimonies*, Vol. 3, pág. 202.

As linhas de combate para o povo de Deus estão nitidamente traçadas.

«A intimação do Senhor aos Seus servos é esta: 'Clama em alta voz, não te detenhas, levanta a tua voz como a trombeta e anuncia ao Meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacob os seus pecados'. Isa. 58:1.

«Nenhuma mudança deverá efectuar-se nos traços gerais de nossa obra. Deve permanecer clara e distinta como foi criada pela profecia. Não nos compete entrar em aliança com o mundo, supondo com isto poder levar a melhor. Se alguém cruzar o caminho a fim de embarçar o passo à obra nas linhas que Deus lhe traçou, incorrerá no desagrado divino. Nenhum traço da verdade que tornou o povo adventista do sétimo dia o que ele é, deve ser apagado. Temos antigos marcos da verdade, da experiência e do dever, e cumpre-nos defender firmemente nossos princípios em face do mundo.» *Testemunhos Selectos (Edição Mundial)*, Vol. II, pág. 372.

Torna-se agora evidente um novo sentido em declarações como esta:

«As grandes conflagrações e os desastres em terra e mar que têm visitado o nosso país (os Estados Unidos), foram providências es-

peciais de Deus, um aviso do que está para vir sobre o mundo. Deus pode mostrar aos homens que é capaz de atear aos seus ídolos um fogo que a água não consegue extinguir. A grande conflagração geral está mesmo a chegar, e então todo o trabalho perdido desta vida será varrido num só dia.» *Testimonies*, Vol. 4, pág. 49.

«À medida que transcorre o tempo, torna-se mais evidente que os juízos divinos estão no mundo. Por meio de incêndios, inundações, e terremotos, Deus está advertindo da Sua próxima vinda os habitantes deste mundo. Aproxima-se o tempo da grande crise da história do mundo, em que cada acto do governo de Deus será observado com interesse intenso e apreensão indizível. Os juízos seguir-se-ão em sucessão rápida: incêndios, inundações e terremotos, com guerra e efusão de sangue.» *Testemunhos Selectos (Edição Mundial)*, Vol. III, pág. 333.

«O Espírito de Deus está-se agora retirando do mundo. Furações, tempestades, fogo e inundações, desastres em terra e mar, seguem-se em rápida sucessão. A ciência esforça-se por explicar tudo isto. Os sinais acumulando-se à volta de nós, testemunhando da proximidade da chegada do Filho de Deus, atribuem-se a toda e qualquer causa que não seja a verdadeira. Os homens não podem distinguir as sentinelas angélicas

retendo os quatro ventos para que não soprem até que os servos de Deus estejam assinalados; mas quando Deus ordenar aos Seus anjos que soltem os ventos, haverá uma tal cena de luta que nenhuma pena pode descrever.» *Testimonies*, Vol. 6, pág. 408.

Nesta solene Semana de Oração de 1958, deixemos que as seguintes palavras inspiradas nos sejam dirigidas individualmente:

«Pudesse a cortina ser retirada, pudésseis vós compreender os desígnios de Deus e os juízos que estão quase a cair sobre o condenado mundo, pudésseis vós apreciar a vossa própria atitude, e temeríeis tremendo pelas vossas almas e pelas dos vossos companheiros. Fervorosas orações de angústia vindas do coração subiriam então ao céu. Choraríeis entre o alpendre e o altar, confessando a vossa cegueira espiritual e rebeldia.» *Testimonies*, Vol. 6, pág. 408.

Que esta Semana de Oração seja para cada um de nós um apelo a nos aproximarmos de Deus. Que ela seja uma advertência e uma exortação para a igreja.

«Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti. Porque eis que as trevas cobriram a terra, e a escuridão os povos; mas sobre ti o Senhor virá surgindo, e a sua glória se verá sobre ti.» Isaías 60:1,2.

(Leitura para Segunda-feira, 17 de Novembro de 1958)

MATURIDADE CRISTÃ

Por Reuben G. Manalaysay

A vida cristã começa quando se nasce na família de Cristo. Aqueles que acabam de se converter a Cristo são como «meninos recém-nascidos» e juntamente com todos os que professam o Seu nome, crescerão até à estatura perfeita d'Aquele que é a Cabeça viva da igreja.

A serva do Senhor chama-nos a atenção para o facto de muitos que conhecem a verdade não estarem crescendo e tornando-se cristãos adultos. Diz ela: «Não dão um testemunho vivo da experiência pessoal na vida cristã; não relatam novas vitórias alcançadas na santa milícia. Em vez disso, nota-se a mesma velha rotina, as mesmas expressões na oração e na exortação. Suas orações não têm

aspectos novos, não exprimem maior inteligência nas coisas de Deus, nem fé mais fervorosa e viva. Essas pessoas não são plantas vivas no jardim do Senhor, a produzir novos rebentos e nova folhagem, e a grata fragrância de uma vida santa». Mais adiante diz: «É terrível a estagnação que prevalece». A seguir pergunta: «Irmãos, quereis ter um crescimento cristão res-trito, ou fareis sadio progresso na

vida religiosa?» *Testemunhos Selectos*, Ed. Mund., Vol. II, págs. 97, 98. A esta pergunta, cada sincero filho de Deus devia responder com o grito: «Senhor, ajuda-me a crescer até à completa estatura de Cristo!»

O princípio da vida espiritual é perfeitamente ilustrado pela germinação duma semente e o seu desenvolvimento consequente é uma bela imagem do crescimento cristão. Mas primeiro tem de haver vida na semente assim como na pessoa que pretende ser um filho de Deus. As plantas e os animais só vivem pela vida que Deus lhes comunicou. Possuindo esta vida, a criatura continua a crescer e a desenvolver-se. Como a planta cria raízes na terra, assim precisamos de criar raízes em Cristo. «A planta precisa crescer ou morrer. Como seu crescimento é silencioso e imperceptível, mas constante, assim é o desenvolvimento da vida cristã. Nossa vida pode ser perfeita em cada fase de desenvolvimento; contudo haverá progresso contínuo, se o propósito de Deus se cumprir em nós». *Parábolas de Jesus*, pág. 65. Quão importante se torna então que discernamos com clareza qual é o propósito divino a nosso respeito. «Multiplicando-se as oportunidades», diz a serva do Senhor, «ampliar-se-á nossa experiência e crescerá o nosso conhecimento. Tornar-nos-emos fortes para assumir as responsabilidades, e a nossa maturidade será proporcional aos nossos privilégios». *Ibid.*, págs. 65, 66.

Assim como a planta cresce recebendo o que Deus proveu para manter a vida, «deve também o cristão crescer pela cooperação com os agentes divinos...» Alimento, ar, luz solar, exercício e repouso são essenciais ao crescimento físico do homem. Assim é com o crescimento e a maturidade do cristão. O alimento é essencial à vida cristã. A mente, a alma, é constituída por aquilo de que se alimenta. Deus disse: «Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus». Mateus 4:4. A palavra de Deus é o pão do Céu. «Achan-do-se as Tuas palavras, logo as comi, e a Tua palavra foi para

mim o gozo e a alegria do meu coração; porque pelo Teu nome me chamo, ó Senhor, Deus dos Exércitos». Jer. 15:16. A Palavra de Deus deve ser tomada e assimilada «para que se torne a força motriz da vida e da acção». Temo-nos nós alimentado regularmente da Palavra de Deus? Jesus disse: «Se não comerdes a carne do Filho do Homem... não tereis vida em vós mesmos... Porque a Minha carne verdadeiramente é comida. Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim e Eu nele. Assim como o Pai, que vive, Me enviou, e Eu vivo pelo Pai, assim, quem de Mim se alimenta, também viverá por Mim. As palavras que Eu vos disse são Espírito e vida». João 6:53-57, 63. É somente alimentando-nos da Palavra que nos tornaremos participantes de Cristo e das Suas experiências. A serva do Senhor diz que «os seguidores de Cristo devem comer a carne e beber o sangue do Filho de Deus, ou então não terão vida em si próprios». Somos nós lentos no crescimento cristão por causa da nossa negligência no estudo da Palavra de Deus? «Uma coisa é considerar a Bíblia como um livro de boa instrução...; outra coisa é considerá-la como realmente é: a palavra do Deus vivo, palavra que é a nossa vida, que deve modelar nossas acções, palavras e pensamentos». *Educação*, pág. 260. O estudo da Bíblia dá energia à mente, fortalece o intelecto, abranda o coração, e proporciona gozo e sã alegria ao espírito. Nas Escrituras encontram-se milhares de preciosas verdades ocultas ao examinador superficial. A Bíblia é uma mina de verdade, tem uma plenitude, um poder, uma profundidade de sentido inexauríveis. Quanto mais examinamos as Escrituras com humildade de coração, maior será o nosso interesse, maior será em nós a acção do poder suavizador e para mais perto de Cristo seremos nós atraídos. «Se a Palavra de Deus fosse estudada como deveria ser, os homens adquiririam uma grandeza de espírito, uma nobreza de carácter e uma constância que raramente se vêem nestes tempos». *Gospel Workers*, pág. 249.

Não basta estudar a Palavra de Deus. O que é mais importante é viver pela Palavra de Deus, o que significa submeter-Lhe completamente toda a nossa vida. Devia ter-se continuamente a noção da necessidade e dependência, uma atracção do coração a Deus. O coração é atraído para Deus através da oração. A oração é uma necessidade; ela é a vida da alma. «A oração é a respiração da alma. É o segredo do poder espiritual. Nenhum outro meio de graça pode substituí-la e preservar a saúde da alma. A oração põe o coração em contacto imediato com a Fonte da vida e fortalece os nervos e músculos da experiência cristã. Negligenciá-la o exercício da oração, ou praticá-la espasmódicamente, uma vez por outra, como vos parecer conveniente, e perdereis a vossa segurança em Deus. As faculdades espirituais perdem a vitalidade, a experiência religiosa tem falta de saúde e vigor». *Gospel Workers*, pág. 254, 255. Muito se pode aprender da experiência do velho Enoque. Viveu rodeado de crescente impiedade e infidelidade. Tendo a noção da influência que tal povo de ímpios podia ter sobre ele, «evitava a associação constante com os mesmos, e passava muito tempo na solidão, entregando-se à meditação e oração. Assim permanecia ele perante o Senhor, buscando o conhecimento mais claro de Sua vontade, para que a pudesse fazer. Para ele a oração era como a respiração; ele vivia na atmosfera do Céu». *Patriarcas e Profetas*, pág. 93. A oração é a força do cristão. As convicções cristãs que crescem e se desenvolvem precisam de ser diàriamente reforçadas pela oração sincera e humilde.

Como o ar e a luz do Sol são essenciais ao crescimento das plantas, são-no também ao desenvolvimento do cristão. «Pelo dom incomparável de Seu Filho, Deus rodeou o mundo inteiro de uma atmosfera de graça tão real como o ar que circula em redor do globo. Todos os que consentem em respirar essa atmosfera vivificante hão-de viver e crescer até à estatura de homens e mulheres em Cristo Jesus». *Aos Pés de Cristo*,

pág 101, 103. Ao contrário da planta que por natureza respira o ar, o homem tem a possibilidade de escolher o que respirar: ou o ar viciado da condenação ou a vivificante atmosfera de graça. A graça é assim abundante, garantindo o amor de Deus para com os pecadores como foi revelado em Jesus Cristo. O homem pecador não merece tal favor e amável bondade. No entanto, o mundo inteiro está envolvido por esse incomparável amor. «Só chegaremos à estatura perfeita de homens e mulheres em Cristo Jesus em resultado de um crescimento constante na graça divina». *Testemunhos Selectos*, Ed. Mund., Vol. II, págs. 17, 18. Para o cristão não pode haver melhor fonte de luz do que o Sol da Justiça, Cristo, «a Luz do Mundo». Ao voltarmos para Ele, a luz do Céu brilhará sobre nós e o nosso carácter se transformará à Sua semelhança. Ao ser Cristo acolhido no coração, a Sua semelhança revelar-se-á na nossa vida. «A humildade reinará onde antes predominava o orgulho. A submissão, a bondade e a paciência abrandarão os duros traços de uma disposição naturalmente perversa, impetuosa.... A vida cristã será despida de toda a pretensão, livre de toda a afectação, artifício e falsidade. Será fervorosa, verdadeira, sublime.... A vida é radiante com a luz do Salvador habitando na alma». *Testimonies*, Vol. 5, págs. 49, 50.

Um doente meu e idoso amigo, conta o Dr. Paul Dudley White, tinha tido a gripe e não podia sair de casa havia uns poucos de meses. Estando sempre sentado, ambas as pernas começaram a inchar. Ele afligiu-se, desanimou e tornou-se apreensivo. O coração estava normal segundo o exame feito. Nem o coração nem nenhuma trombose verdadeira eram responsáveis pela sua condição, mas simplesmente uma circulação deficiente e o efeito da gravidade numa pessoa idosa. Em vez de remédios, o Dr. White recebeu-lhe recomendar o exercício regular de caminhar dois ou três quilómetros por dia. Em dez dias desapareceu o inchaço e agora, passados três

anos, o velho continua a ter uma excelente saúde. A força vem pelo exercício. Se pusermos em uso a capacidade que Deus nos deu, teremos mais capacidade para devotar ao Seu serviço. A serva do Senhor escreve: «Os que nada fazem na causa de Deus, deixarão de crescer em graça e no conhecimento da verdade. Um homem que se deitasse, recusando servir-se dos membros, perderia em breve a faculdade de os utilizar. Assim o cristão que não exercitar as aptidões concedidas por Deus, não somente deixa de crescer em Cristo, mas perde as forças que já possuía; torna-se um paralítico espiritual. São os que, com amor para com Deus e seus semelhantes, se esforçam por ajudar outros, que se tornam firmes, fortes, estáveis na verdade». *Conselhos aos Professores*, pág. 468. Escreve ainda a pena da inspiração que «há alguns entre os professos seguidores de Cristo que são dispépticos espirituais. Tornaram-se uns inválidos e a sua debilidade espiritual é o resultado directo do seu procedimento... São indolentes no trabalho de Deus, nada fazendo por si próprios; mas se puderem apontar alguma falta nos outros, para isso são activos e zelosos. Um cristão que não trabalha não pode ter saúde. Doença espiritual é o resultado de se negligenciar um dever.... Há só uma cura verdadeira para a preguiça espiritual, e essa é o trabalho,—trabalho em favor das almas que precisam ser ajudadas». *Testimonies*, Vol. 4, págs. 235, 236. Eis um testemunho ainda mais directo: «Os que pouco fazem pelo Salvador no sentido da salvação de almas, e em se manterem rectos diante de Deus, não vêm a adquirir muita fibra espiritual. Precisamos de empregar continuamente a força que possuímos a fim de que esta se desenvolva e aumente». *Testemunhos Selectos*, Ed. Mund. Vol. I, pág. 463. Quanto mais um cristão cresce e adquire maturidade, maior uso faz das faculdades que Deus lhe dá. A lei do amor requer a consagração do corpo, espírito e alma ao serviço de Deus e do nosso semelhante. Este serviço não só é uma bênção para os outros,

mas traz-nos também as maiores bênçãos.

«Deus chama os que estão ociosos em Sião a que se levantem e operem.... Ele quer obreiros de oração, fiéis, que semeiem sobre todas as águas». Eis a bênção que advém aos que trabalham para Ele: «Os que assim trabalham ficarão surpreendidos ao verificar que as provas, suportadas resolutamente em nome e na força de Jesus, darão firmeza à fé e renovarão o ânimo». *Ibid.* pág. 464. A vitória sobre as provações, dificuldades e desapontamentos constitui bom sinal de uma vida cristã que está em crescimento e adquirindo maturidade. Há muitos na igreja que são tão sensíveis, para os quais o mais pequeno mal-entendido basta para lhes tirar o desejo de ir à congregação, que acabarão por perder não apenas o gosto pelas reuniões mas também o amor e a fé em Deus. Os que estão activos tomando responsabilidades na igreja e que trabalham fervorosamente nos vários projectos missionários, acham-se tão ocupados com o trabalho que têm pouco tempo para criticar ou desanimar-se com alguma coisa. Prestando activa colaboração nas diversas actividades da igreja e desempenhando-se fielmente das responsabilidades, alcançam força para outros trabalhos a realizar. Porém os que nada fazem para Jesus enfraquecem e ficarão sem recompensa. As suas mãos enfraquecidas não serão capazes de os segurar ao Todo-Poderoso e os seus joelhos se negarão a suportar o peso no dia da angústia.

De novo nos diz a pena inspirada que «o objectivo da vida cristã é a frutificação». *Parábolas de Jesus*, pág. 67. Mas uma vida centralizada no eu, não pode frutificar. Esquece-te a ti próprio e procura ajudar os outros. «Falai do amor de Cristo, contai de Sua bondade. Cumpri todo o dever que se vos apresenta. Levai sobre o coração o peso da salvação de almas, e tentai salvar os perdidos por todos os meios possíveis. Recebendo o Espírito de Cristo — o espírito do amor desinteressado e do sacrifício por outrem — cresceis e produzireis fruto. As graças do Espírito sazonalão em vosso

(Leitura para Terça-feira, 18 de Novembro de 1958)

«QUE TE VÁ BEM EM TODAS AS COISAS E QUE TENHAS SAÚDE»

JÁ antes nesta mesma carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo chama a atenção para o facto de que estes nossos corpos físicos são verdadeiramente o templo de Deus: «Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo». 1 Cor. 3:16,17. Há pessoas que, pelas suas palavras ou maneira de viver, declaram que o que fazem com o corpo é assunto que só a elas diz respeito. Se desejarem comer demais e encurtar a vida dez ou vinte anos com um ataque de coração, ninguém mais tem que ver com isso. Se estão mais satisfeitos a beber, a fumar, a trabalhar demasiado ou a negligenciar o exercício, isso é com eles e com eles só. Os tais esquecem o seu dever para com a família, a igreja, a sociedade e a nação. Quanto ao dever para com Deus, Paulo diz ainda: «Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo, e no vosso

Por T. R. FLAIZ

espírito, os quais pertencem a Deus». 1 Cor. 6:19,20.

Através destas observações vê-se claro como cristal que somos responsáveis perante Deus pela conservação da saúde do nosso corpo na medida da nossa compreensão. Este corpo, é-nos dito, não é nosso — é Deus que no-lo empresta. É um instrumento com o qual podemos glorificar Deus. Devemos portanto concluir que Deus tem que ver com a nossa saúde — com a condição física do nosso corpo.

As referências de Paulo já indicadas podem revelar-nos o plano original de Deus na criação do homem. No livro *Ministry of Healing*, pág. 415, lemos: «Deus quis que o homem, a coroa da Sua criação, acima de todas as ordens

«E todo aquele que luta, de tudo se abstém; eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível, nós, porém, uma incorruptível. Pois eu assim corro, não como a coisa incerta; assim combato, não como batendo no ar. Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado.» 1 Cor. 9:25-27.

de seres inferiores, exprimisse o Seu pensamento e revelasse a Sua glória», pois «criou Deus o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou». Gén. 1:27. Deus conferiu ao homem uma honra ao criá-lo à Sua imagem e preparou para ele a mais notável estrutura de que há conhecimento — o corpo humano —; emprestou-lho para que o usasse toda a vida (devendo esta ser uma eternidade), pedindo somente ao homem que O glorificasse com esse corpo. Diz a Sua palavra: «Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional». Rom. 12:1.

Há razão para crer que o verdadeiro espírito e essência do evangelho inclui a restauração da imagem de Deus no homem. A comissão evangélica dada por Cristo aos discípulos torna clara esta relação. «E, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus. Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demónios: de graça recebestes, de graça dai». Mat 10:7, 8. Estas instruções que Ele deu aos Seus discípulos sobre a maneira de trabalhar é um testemunho do verdadeiro modelo do próprio ministério de Cristo.

Frequentemente os autores dos evangelhos fazem realçar que Cristo se moveu de compaixão pelo sofrimento, a tristeza, a fome da multidão. Do exemplo de Cristo podemos razoavelmente concluir que aliviar o sofrimento, curar a enfermidade, restaurar a saúde no

carácter. Vossa fé aumentará; vossas convicções aprofundar-se-ão, vosso amor será mais perfeito. Mais e mais reflectireis a semelhança de Cristo em tudo que é puro, nobre e amável». *Ibid.* pág. 68.

«Quando já o fruto se mostra, mete-lhe logo a foice, porque está chegada a ceifa.» Cristo aguarda com tremendo desejo a manifestação de Si mesmo em Sua igreja. Quando o carácter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus.

«Todo o cristão tem o privilégio, não só de esperar a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, como também de apressá-la. Se todos os que professam Seu nome produzissem fruto para Sua glória, quão depressa não estaria o mundo todo semeado com a semente do evangelho! Rápidamente amadureceria a última grande seara e Cristo viria recolher o precioso grão.» *Ibid.*, pág. 69.

Oremos mais fervorosamente ao Senhor, para que nos ajude a crescer dia a dia até à estatura perfeita de Cristo.

corpo humano, constitui um objectivo digno do ministério evangélico. Mas, além de ter compaixão, Cristo via nos doentes, deformados sofredores diante d'Ele, a obra do grande inimigo. Na queda o homem perdeu não só a pureza espiritual, mas também a perfeição das forças intelectuais e a beleza física. São acidentes da guerra em que Satanás se tornou o príncipe deste mundo. Uma parte do plano de Jesus no Seu ministério foi reprimir o destruidor, disputar-lhe a autoridade sempre que a encontrava nos enfermos sofredores que buscavam a Sua ajuda.

Um dia em que Jesus ensinava na sinagoga, trouxeram-Lhe uma mulher aparentemente vítima de um caso grave de artrite espinal, recurvada, não se podendo endireitar. Como parte do Seu ministério evangélico daquele dia, Jesus curou esta mulher, com grande aborrecimento do chefe da sinagoga que acusou Cristo de ter feito este trabalho em dia de Sábado. Com palavras severas repreendeu Jesus o hipócrita pelo desprezo para com a súplica da pobre mulher. Disse Ele: «E não convinha soltar desta prisão, no dia de Sábado, esta filha de Abraão, a qual há dezoito anos Satanás tinha presa?» Luc. 13:16.

O interesse que Cristo manifestou pela nossa saúde mostra o cuidado pessoal que lhe devemos dedicar. Somente possuindo um corpo físico nas melhores condições podemos ter as faculdades mentais óptimas para compreender as coisas espirituais. O Espírito de Profecia revela-nos que somos responsáveis pela saúde que temos. «A saúde é um grande tesouro. É a mais rica propriedade que os mortais podem possuir. Riquezas, honra e conhecimento são demasiado caros se adquiridos com prejuízo do vigor da saúde. Nenhuma destas consequências pode garantir a felicidade se há falta de saúde. É uma coisa terrível abusar da saúde que Deus nos concedeu». *Testimonies*, Vol. 3, pág. 150. No livro *Educação* lemos: «A saúde deve ser tão fielmente conservada como o carácter». *Educação*, pág. 195. As razões desta grave declaração aparecem em *Ministry of Healing*,

pág. 128. «Todos precisam de se familiarizar com o mais maravilhoso de todos os organismos, o corpo humano. Todos devem conhecer as funções dos diversos órgãos e a dependência uns dos outros para o bom funcionamento de todos. Devem estudar a influência da mente sobre o corpo e do corpo sobre a mente, e a leis que regem um e outro».

Temos razões fortes pelas quais a saúde é tão importante à vida e ao ministério do cristão. Ninguém pode exercer toda a sua capacidade espiritual, intelectual ou física se o corpo não está em condições ideais. A doença cobra os seus direitos da eficiência mental. Unicamente com um espírito claro e não acorrentado pela doença podemos desenvolver o poder espiritual de que somos capazes. Há razões práticas pelas quais o Senhor deseja que o Seu povo se encontre nas melhores condições físicas. Em *Gospel Workers*, pág. 242, achamos um exemplo bastante prático da relação entre o espiritual e o físico: «O carácter e a eficiência do trabalho dependem em grande parte da condição física do obreiro. Muitas reuniões de conselho e outras assembleias têm tomado um tom triste por causa da dispepsia das pessoas reunidas; e muito sermão se tem obscurecido por causa da indigestão do orador». Será então para admirar que João na sua epístola diga: «Amado, desejo que te vá bem em todas as coisas, e que tenhas saúde, assim como bem vai à tua alma?» (3 João, 2). João sabia que o seu amigo Gaio — que parece ter sido um modelo de conduta cristã — só podia ser um chefe eficiente na igreja gozando uma boa saúde física. Assim o evangelho da saúde — o evangelho do viver saudável, da libertação da doença, da força e capacidade física, tem o seu lugar como elemento importante no trabalho da igreja, e na vida de cada cristão.

A reforma da saúde, como dogma, como rito, ou como mera teoria, tem pouco interesse para nós. Ela torna-se, porém, significativa, reveste um aspecto prático, quando a interpretamos em termos do viver de dia a dia — em termos de alimentação sã, de nutrição equili-

brada, uso devido e adequado da água, apreciação do ar puro, temperança no trabalho, compreensão da necessidade do repouso, recreação e desintoxicação, da necessidade de constante vigilância para debelar qualquer princípio de doença antes de esta se tornar grave. A reforma da saúde tem sentido quando interpretada em termos de uma mente sã, livre de tensões, de preocupação, de crítica, de inveja e de desequilíbrio nas coisas espirituais — uma mente em paz com Deus.

Não somente a condição física do corpo afecta a saúde e as atitudes mentais, mas as atitudes da mente influem profundamente na condição física do corpo. A mente que tem paz, que confia plenamente em Deus, que é recta com Deus e com os homens, que recusa affligir-se e encara os altos e baixos da vida sem levantar as emoções, terá um efeito milagrosamente estabilizador sobre a saúde de todo o corpo. A mente que é aturdida pela ansiedade, preocupação, ira, inveja, ciúme, temor e ausência de confiança em Deus, produzirá inevitavelmente desordens no estômago, aumento da tensão arterial, possivelmente avaria no coração, e uma colecção considerável de condições dolorosas nos nervos, músculos e articulações, para não mencionar o prejuízo nesse órgão mais intrincado e maravilhoso de todos — o cérebro.

Lemos em *Ministry of Healing*:

«A relação existente entre o corpo e a mente é muito estreita. Quando um é afectado o outro ressentese. A condição da mente afecta a saúde num grau muito maior do que muitos pensam. Muitas das doenças de que sofre o homem são o resultado duma depressão mental. Desgosto, ansiedade, descontentamento, remorso, culpa, desconfiança, tendem a derrubar as forças da vida e convidam a ruína e a morte». *M. H.*, pág. 241.

Realçando as qualidades necessárias para obter a vitória na batalha cristã, Paulo diz: «E todo aquele que luta, de tudo se abstém». Lemos no Espírito de Profecia o seguinte comentário sobre este assunto da temperança em relação

com a saúde e com os hábitos diários: «Se pudéssemos compreender que os hábitos que formamos nesta vida, afectarão os nossos interesses eternos, que o nosso destino eterno depende de hábitos de estrita temperança, trabalharíamos para ser estritamente temperantes no comer e no beber». *Counsels on Health*, pág. 126. Esta declaração estabelece uma significativa relação entre o nosso futuro eterno e os nossos hábitos no comer.

Pedro exorta-nos à temperança como uma das qualidades necessárias àqueles que estão formando um carácter que possa ser aceito pelo Senhor: «...acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência. E à ciência temperança...» 2 Pedro 1: 5, 6. Devemos ser temperantes em tudo—temperantes no comer, temperantes no beber, temperantes no trabalhar. Talvez não haja um único aspecto da vida humana em que se produza um efeito tão infeliz e destruidor da saúde, do que o deixar de atender os conselhos relativos à temperança no comer. Muito se poderia dizer acerca *do que* comemos, mas uma pergunta muito mais séria na vida da média dos indivíduos é *quanto* comemos—temperança no comer.

Médicos conservadores calculam razoavelmente que uma grande percentagem das doenças com que se recorre aos médicos e aos hospitais se podia evitar seguindo um regime sóbrio, temperante. Comer em excesso, mesmo dos melhores alimentos, encurta a vida. Este hábito de comer demais, junto ao costume igualmente indesejável de comer alimentos excessivamente ricos, alimentos pesados e alimentos gordurosos, é responsável pela maioria dos desarranjos digestivos. Comer demasiado, em especial alimentos ricos, origina as doenças da vesícula biliar que frequentemente exigem a sua remoção por intervenção cirúrgica. Origina igualmente muitas das doenças do estômago e dos intestinos.

As pessoas que comem em excesso, adquirindo peso a mais, estão convidando séria doença gastro-intestinal, com possibilidade de encurtar a vida. Pode ser uma doença cardiovascular, que terminará por um ataque do coração—

a causa de morte mais comum hoje em dia. Os nossos hábitos dietéticos merecem reflexão mais cuidadosa e certamente maior esforço da vontade do que a maioria de nós lhes concede. Comer com sobriedade deve ser um hábito. Dá-nos grande recompensa em saúde.

Um outro agente terapêutico natural muitas vezes negligenciado é a água. Algumas pessoas compreendem mal a importância do uso interno e externo da água para manter a saúde e curar a doença. Um meu amigo e eu fomos uma vez chamados a casa dum membro de igreja em Bombaim, na Índia. O pai encontrava-se havia muitas horas num profundo estado de coma. O médico tinha dito à família que provavelmente ele não viveria até de manhã. Tinha a temperatura muito alta, e a opinião do médico de que duraria poucas horas parecia razoável. Conhecendo os antigos métodos impróprios de tratar a febre tifóide—suspensão de alimento e água e reserva do ar puro—pensámos que se podia dar ao menos uma oportunidade a estes simples agentes. Sem demora pusemo-nos a injectar-lhe água nas veias. Para fazer baixar a temperatura sugerimos envolvê-lo em lençóis molhados com água quente, e fizemos soprar sobre ele uma ventoinha eléctrica a toda a potência. Isto causou espanto e levantou protestos da família entristecida. Mas este enérgico tratamento, levando-se a água directamente em contacto com o sangue desidratado do paciente e usando também água no exterior para arrefecer o corpo da febre, secundado por orações fervorosas de todos os presentes, resultou em que o doente voltou à consciência no fim de três horas. Pouco depois disto tinha a mente clara e encontrava-se livre de perigo. Viveu ainda muitos anos a seguir a este notável restabelecimento. A água foi o nosso único agente terapêutico. Com abundância de água quente e fria em todas as casas, estamos nós tirando toda a vantagem que nos oferecem as comodidades modernas?

Parecem as pessoas ter medo do ar puro. Não há muitos anos falava-se dos perigos do ar da noite.

Ainda hoje na Índia e na África o povo tem medo do ar da noite. Pela má ventilação de muitas casas—sim, e de igrejas e escolas, de salas de reuniões e de conselhos—poder-se-ia dizer que ainda há aqueles que têm medo do ar puro. O ar é um dos auxiliares da saúde mais baratos e eficazes.

Quem diz o ar puro também diz a luz do sol. O sol é uma comodidade paga a grande preço nalguns países durante uma boa parte do ano. Quão poucas pessoas são capazes de sair para receber as bênçãos da luz directa do sol! Mesmo em países e regiões onde se obtém facilmente a luz solar, os hábitos da vida moderna nos privam grandemente do sol tão fácil de obter à nossa roda.

Um dos maiores ajudadores da saúde, e talvez aquele que é mais seriamente negligenciado, é o são exercício e a recreação. Muitas pessoas parecem considerar o exercício um luxo incómodo para o qual dificilmente conseguiriam arranjar tempo. A intensa pressão da vida moderna roubou à geração presente o exercício. Especialmente aqueles que têm empregos sedentários—no escritório, na escola, por detrás das secretárias, ou de qualquer maneira ferrolhados—têm grande necessidade do exercício para o qual não acham tempo nem ocasião. Muitos assim encerrados no interior negligenciam a única oportunidade real de fazer exercício. Em vez de andar a pé mesmo uma curta distância, utilizam o seu automóvel e roubam assim a si próprios um dos exercícios mais saudáveis que se conhece. Cinco a oito quilómetros de marcha diariamente acrescentariam saúde, anos e alegria a muitas vidas. O prevalente modo de vida sedentária, com negligência do exercício, sem enérgico andar a pé, sem nenhuma agitação dos vasos sanguíneos e da circulação em geral, ou dos músculos e órgãos do corpo, é ainda agravado por hábitos de super-alimentação. A vítima desta sinistra negligência segue um caminho que leva directamente a um ataque do coração, congestão ou outro possível acidente fatal.

Pelos conselhos recebidos do Espírito de Profecia, torna-se evi-

dente que não estamos a dar demasiado realce a este importante aspecto da saúde. Acerca disto lemos: «Os que são fracos e indolentes não devem condescender com a sua inclinação para a inactividade, privando-se assim do ar e do sol, mas devem praticar exercício ao ar livre, andando ou trabalhando no quintal... A inacção enfraquece os órgãos que não são exercitados; e quando é preciso usar estes órgãos, sente-se dores e cansa-se porque os músculos se enfraqueceram... Andar, em todos os casos que seja possível, é o melhor remédio para o corpo doente, porque neste exercício todos os órgãos do corpo são utilizados... Nenhum exercício pode substituir a marcha». *Testimonies*, Vol. 3, pág. 78.

Lemos ainda: «Quando as condições do tempo o permitam, todos os que tenham possibilidade devem andar ao ar livre todos os dias, de verão e de inverno». *Counsels on Health*, pág. 52. Perguntou-se recentemente a uma das maiores autoridades em doenças de coração na América: «A seguir às precauções dietéticas, o que diria V. Ex.^a constituir a maior defesa simples contra ataques cardíacos?» A resposta foi prontá e directa. Em suma foi a seguinte: «Depois dum programa apropriado de dieta, a melhor medida simples útil na prevenção do ataque cardíaco é o hábito de andar a pé vários quilómetros por dia».

Sobre os remédios naturais de que temos estado a falar, encontramos o seguinte em *Ministry of Healing*, pág. 127: «Ar puro, luz do sol, sobriedade, repouso, exercício, alimentação apropriada, uso de água, confiança no poder divino — eis os verdadeiros remédios». Temos notado a importância de ar puro, sol, água, repouso, exercício e alimentação sã. E o que dizer da confiança no poder de Deus? O próprio Jesus é o autor deste método para obter melhor saúde. Diz Ele àqueles que estão carregados com os cuidados e as preocupações desta vida: «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve». Mateus 11:28-30. São talvez a inquietação e o fardo — a incerteza e os temores da vida — que mais do que qualquer outro factor são hoje responsáveis pela doença. «Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim». E diz-nos ainda: «Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize». João 14:1, 27. E àqueles que esperam a vinda do seu Senhor, Pedro aconselha: «Lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cui-

dado de vós». 1 Pedro 5:7.

Talvez a maior fonte de auxílio para o cristão de hoje seja aquela alcançada pela sã actividade missionária em favor dos outros — daqueles que precisam. O texto de Isaías 58 lembra-nos que tem um real valor terapêutico aliviar os fardos dos outros. «Não é este o jejum que escolhi?» — pergunta o Senhor — «que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo? e que deixes livres os quebrantados, e despedaces todo o jugo? Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desterrados? e, vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne?» E a promessa é: «Então a tua cura apressadamente brotará». Isaías 58:68.

Sòmente quando tivermos chegado àquela Pátria melhor poderemos saber o que é saúde perfeita. Lemos acerca da Nova Jerusalém: «No meio da sua praça, e de uma e da outra banda do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore são para a saúde das nações». Apoc. 22:2. Por causa da presença deste agente curativo no meio do povo de Deus é que temos esta bela promessa: «E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas». Apoc. 21:4.

(Leitura para Quarta-feira, 19 de Novembro de 1958)

RUMO A NOVAS CONQUISTAS

QUANDO os Adventistas do Sétimo Dia consideram a sua tarefa missionária, costumam pensar em termos de conquista e vitória à medida em que o evangelho vai sendo levado aos povos da Terra. Têm presente a visão do cavaleiro sobre o «cavalo branco» saindo «victorioso e para vencer». Apoc. 6:2. Este conceito fez de nós e tem-nos

≡≡≡ Por H. L. RUDY ≡≡≡

mantido um povo missionário dinâmico através da nossa história. Considerando agora a tarefa da igreja, não temos razão para pensar doutra maneira. Pelo contrário, há uma necessidade sempre crescente de manter essa visão diante de nós enquanto avançamos no

cumprimento do desígnio de Deus.

A tarefa da igreja não está terminada enquanto o eterno propósito de Deus para este mundo não estiver cumprido. A igreja está ligada à história do mundo. Cristo achou que assim devia ser. «Digo isto no mundo», disse Ele, e então acrescentou, significativamente: «Assim como tu me enviaste ao

mundo, também eu os enviei ao mundo». João 17:13,18. A tarefa da igreja deve portanto ser levada a efeito *no mundo*. As esperanças e objectivos da igreja estão inextricavelmente unidos à história e destino *deste* mundo.

Deus designou que a igreja cumprisse esta tarefa entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Ela começou quando Cristo lançou o fundamento da igreja durante o Seu ministério terreste, enviando depois o Espírito Santo no Pentecostes. Ela será terminada quando a palavra do evangelho tiver realizado o seu trabalho. Isto marcará igualmente o fim da história.

NOVAS CONQUISTAS

Um mapa-múndi das missões cristãs bastante ampliado teria a aparência do céu estrelado com porções da Via-láctea. Numas zonas haveria numerosas estrelas brilhantes, noutras as estrelas seriam raras e pálidas; umas poucas porções do mapa apareceriam escuras sem estrelas. Nalguns lugares da Terra o evangelho tem tomado raízes e está florescente. A igreja tornou-se forte, mas no entanto os seus membros constituem apenas uma pequena minoria entre os habitantes do mundo. Há outros lugares onde as estrelas são pequeninas e obscuras, mas mesmo assim representam preciosos frutos da Palavra. Noutras partes da Terra como o Afeganistão e o Tibet, onde o evangelho ainda não penetrou, não se vêem brilhar nenhuma luzes.

«O povo de Deus tem diante de si poderosa obra, obra que importa subir continuamente a maior preeminência. Incomparavelmente mais extensivos devem ser nossos esforços no sentido missionário. Cumpre efectuar obra mais decidida do que tem sido feita, antes do segundo aparecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. O povo de Deus não deve cessar seus labores até que circundem o mundo.» — *Testemunhos Selectos*, Ed. Mund., Vol. III, pág. 276.

«A luz deve brilhar em todas as terras e a todos os povos; e é naqueles que receberam a luz que ela deve brilhar. A Estrela da Alva ergueu-se no nosso meio e temos de fazer incidir a sua luz no caminho daqueles que andam em trevas.» — *Testimonies*, Vol. 6, pág. 24.

As novas conquistas hoje diante da igreja são dum carácter muito diferente das realizadas há vinte e cinco anos. Até agora temos trabalhado na expectativa duma firme marcha triunfal do evangelho de nação em nação até as atingir a todas. Nos nossos cultos missionários cantamos confiadamente:

«Desde um a outro polo,
Da China ao Panamá,
E do africano solo
Ao alto Canadá...
...A terra então rendida
Ao nome de Jesus,
Terá assim a vida
Que promanou da cruz.»

Produziu-se uma grande modificação no último quarto de século, e isso afectou toda a relação da igreja com as missões. Esta modificação teve lugar por causa de duas evoluções principais. Primeiro, a revolução política, social e cultural que varre o mundo, tem afectado grandemente o trabalho nas missões, e em segundo lugar, surgiu uma mudança na vida e no pensamento da igreja em relação com os campos missionários. Das duas, a última é talvez a mais séria e a que traz maiores consequências. Felizmente é aquela em face da qual a igreja pode fazer alguma coisa. Isto toca o campo espiritual e é por isso de interesse vital para todo o membro de igreja.

As conquistas missionárias na nossa frente, no que diz respeito a cada crente, devem primeiro ser feitas no campo espiritual. Não basta pensarmos em números ou resultados materiais. Estes, embora importantes, e em geral encorajadores, não constituem a soma total dos frutos a serem produzidos pelo trabalho da igreja.

O ESPÍRITO DAS MISSÕES

As missões são o resultado do trabalho do Espírito Santo na vida dos filhos de Deus. Elas começaram sob a inspiração do Pentecostes e têm-se mantido através dos séculos pelo mesmo poder. O Espírito Santo veio em línguas «como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles». Actos 2:3. O simbolismo do fogo não foi uma novidade no Pentecostes. Foi o cumprimento do que havia sido predito a respeito da obra do evangelho. João Baptista já se tinha referido ao baptismo «com o Espírito Santo, e com fogo». Mat. 3:11. Jesus disse: «Vim lançar fogo na Terra; e que mais quero, se já está aceso?» Luc. 12:49. A Sua obra foi um fogo que Ele veio lançar sobre a Terra, como disse certo autor, «semelhante à explosão duma granada, com imensa força no ponto da colisão, e violenta projecção a partir desse ponto».

Sob a poderosa inspiração do Pentecostes o evangelho alastrou como inextinguível incêndio por toda a terra. Nenhuma força ou combinação de forças contrárias conseguiu fazê-lo estacar. É esta força que sustém o programa missionário da igreja. No grau em que a igreja promovia as missões mundiais, possui ela o poder da persistência e conquista. Uma igreja com espírito missionário vive cada dia e cada hora com a convicção de que, se ela existe, é para ser uma testemunha em todo o mundo. Uma igreja só é fiel à sua vocação missionária se toda a sua vida e organização é consagrada à proclamação do evangelho em *todo* o mundo.

Este espírito das missões é fundado no sacrifício. As qualidades de heroísmo podem não ser agora tão necessárias como no tempo dos pioneiros, mas requer-se sacrifício. O que se precisa agora é de missionários dedicados, com preparação para poderem dar todo o seu tempo e energias ao serviço das missões. Isto visa duas coisas que apontam para o tipo de sacrifício que é requerido. Primeiro, o missionário em muitas terras deve resignar-se a viver no meio duma

atmosfera não-cristã, lutando corpo a corpo com a depravação que reina nos sistemas religiosos não cristãos: idolatria, feitiçaria, culto do demônio, temores, e manifestações malignas do poder das trevas.

Talvez o maior sacrifício de todos os que o missionário é chamado a fazer seja tornar-se um estranho no seu próprio país. Depois de ter dispendido uma vida inteira no serviço missionário, e de se ter identificado tão completamente com a vida do povo da terra da sua adopção, é-lhe difícil readaptar-se satisfatoriamente na sua terra natal. Mas tudo o que seja menos do que a dedicação de todo o tempo ao serviço da missão, só pode produzir contratempos ao missionário e fracasso no seu esforço para ganhar a amizade e a confiança do povo que ele procura servir. É melhor não ir para um campo missionário do que lá ir por um curto período de tempo determinado. Tais períodos breves de serviço podem servir em caso de substituição provisória, até que um missionário definitivo chegue ao campo. Tais casos deveriam constituir excepções e não regra. Infelizmente a concepção inversa tem prevalecido e implicado consequências desastrosas. Se jamais existiram campos para novas conquistas nas missões, este é um deles, talvez o mais difícil.

A reabilitação do espírito das missões envolve também a igreja, especialmente nas terras que são o centro do evangelho. Um dos resultados naturais do esforço missionário prolongado é a igreja procurar aliviar o fardo das missões. Junta-se a essa tendência a arrasadora tentação de se instalar na comodidade e no luxo do formalismo e da ostentação. A igreja tem uma tendência inveterada para se localizar, estabilizar-se, rodear-se de instituições que cada vez ocupam mais da sua atenção e força. É quase impossível lembrar que a igreja é primeiro que tudo exortada a proclamar a Palavra viva, a ser uma demonstração do Espírito vivo, e somente um mínimo à organização. Cristo como nosso exemplo não tinha onde reclinar a cabeça. Ele desi-

gnou à igreja uma vida de peregrinação, e não que ela assentasse arraiais e «repousasse em Sião». Amós 6:1. O cristianismo é essencialmente uma religião internacional. Não conhece fronteiras nacionais ou raciais. Não tolera qualquer outra ideologia ou filosofia do mundo. Tem portanto sido dito com razão que «Um cristão, desde que se deixe absorver por preocupações locais ou nacionais, deixa de ser um cristão».

Que nós possamos readquirir, como povo missionário que somos, essa energia espiritual indispensável que nos conservará fiéis à grande tarefa mundial que nos foi confiada. Que a nossa devoção às missões seja tão constante e abnegada que possamos verdadeira e sinceramente orar: «Graças a Deus pois que nos visitou no Seu dia».

A PERSPECTIVA

Lançando um olhar retrospectivo a cerca de um século de missões estrangeiras, podemos traçar uma linha firme do avanço da Mensagem do Advento através do mundo. Assim fazendo ignoramos os fracassos e os aparentes recuos que têm salpicado a nossa experiência. Muitas vezes o que parecia ser um obstáculo ou um beco sem saída, se provou ser uma prova para a fé e uma lembrança de que estamos empenhados na obra do Senhor e que Ele dirige finalmente o seu destino. A igreja é indubitavelmente a sociedade do povo de Deus, mas está ainda ligada à história do mundo, e deve levar a cabo a sua obra junto das sociedades que a rodeiam. Bem poucos metais se podem trabalhar no estado puro. Os metalurgistas têm de descobrir as ligas que tornam o ouro ou o aço trabalhável para o fim particular em vista. Deus, o Grande Artista, descobre o melhor caminho para o Seu povo seguir e na Sua sabedoria guia-o para a completa realização do Seu propósito.

Deus providenciou um centro para o evangelho, principalmente no Norte da Europa e na América do Norte, com bases distantes noutras partes do mundo. As fron-

teiras desse território central não se podem definir exactamente e é melhor não tentar fazê-lo. Essas fronteiras têm mudado em décadas recentes e podem ainda modificar-se à medida que o tempo vai passando. A advertência — «Brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres», (Apoc. 2:5) — tem-se aplicado à igreja através dos séculos e ainda hoje se aplica. Pela infidelidade e apostasia, alguns grandes centros do evangelho têm perdido o seu castiçal, e terras que se têm voltado do paganismo para o cristianismo podem ainda tornar-se centros nos quais a luz da verdade brilhe com grande magnitude. Não disse Cristo: «E virão do oriente, e do ocidente, e do norte, e do sul, e assentar-se-ão à mesa no reino de Deus. E eis que derradeiros há que serão os primeiros; e primeiros há que serão os derradeiros?» (Luc. 13:29, 30).

Na segunda metade do século XX a vida promete ser em muitos países muito mais difícil para a igreja do que tem sido nos últimos cento e cinquenta anos. A revolução que se está dando no mundo, afectando a vida política, social e educativa, não passa sem afectar a igreja. É acompanhada de violência e efusão de sangue num grau até aqui desconhecido entre as nações civilizadas.

A despeito da turbulência e da violência dos nossos tempos, a igreja tem de despertar para o desafio duma tarefa não terminada, sempre consciente da direcção do Senhor. «O mundo não está sem um dominador. O programa dos sucessos futuros está nas mãos do Senhor. A Majestade do Céu tem sob Sua direcção o destino das nações e os negócios de Sua igreja». *Testemunhos Selectos*, Ed. Mund., Vol. II, pág. 352.

«Irmãos, não é tempo de nos lamentarmos e entregarmos ao desespero, nem de ceder à dúvida e incredulidade. Cristo não é para nós um Salvador que jaz no sepulcro de José, vedado por uma grande pedra selada com o selo romano; temos um Sal-

vador ressuscitado. É o Rei, o Senhor dos exércitos, que está assentado entre querubins, e que no meio da peleja e do tumulto das nações continua a guardar Seu povo. Aquele que domina nos Céus é nosso Salvador. Avalia cada provação; vigia a fornalha ardente destinada a provar cada alma. Quando as fortalezas dos reis ruírem e as flechas da ira de Deus atravessarem o coração de Seus inimigos, Seu povo estará seguro em Suas mãos.» *Ibid.*, pág. 353.

Pela fidelidade da igreja à comissão evangélica far-se-á perante o mundo e o universo uma completa demonstração do amor de Deus, enquanto o Seu propósito é finalmente cumprido.

«A igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e sua missão é levar o evangelho ao mundo. Desde o princípio tem sido plano de Deus que através de Sua igreja seja reflectida para o mundo, Sua plenitude e suficiência. Aos membros da igreja, a quem Ele chamou das trevas para Sua maravilhosa luz, compete manifestar Sua glória. A igreja é a depositária das riquezas da graça de Cristo; e pela igreja será a seu tempo manifesta, mesmo aos 'principados e potestades nos céus', (Efés. 3:10) a final e ampla demonstração do amor de Deus.» *Actos dos Apóstolos*, pág. 9.

Notemos alguns gloriosos vislumbres desta demonstração do amor de Deus, tais como nos chegam da parte das testemunhas do evangelho por toda a Terra. Desde para além das várias cortinas de separação que se tem posto entre vastas áreas do mundo, nos chegamos relatórios de grande fervor e poder espiritual. Num país, trinta congressos de reavivamento se rea-

lizaram, em fins de semana, durante o verão de 1957. Foram na maioria realizados ao ar livre, pois a assistência era tão grande que não se podia obter salas de reuniões adequadas. Muitas vezes se contavam mais de 2.000 assistentes e mais de trinta por cento eram jovens. Num dos países balcânicos o nosso povo está contribuindo com terreno e com grandes somas de dinheiro para se edificarem lugares de adoração para as igrejas que crescem rapidamente. Não são livres de evangelizar em público nem de distribuir literatura, e assim constroem casas de reuniões onde o evangelho pode ser pregado e os interesses espirituais da igreja atendidos. Ao enviarem saudações aos seus irmãos doutras terras, dizem: «Estamos orando por vós e suplicamos as vossas orações. As nossas orações são a artilharia pesada contra o inimigo».

No Brasil, ao longo das grandes extensões do Amazonas, seis lanchas missionárias sulcam constantemente as águas, levando amor e cura a milhares de almas sofredoras por quem Cristo morreu. Cerca de 27.000 pessoas foram contactadas nas 655 reuniões evangélicas realizadas enquanto o povo se juntava em volta dos barcos para receber tratamento médico para a malária, parasitas, úlceras, e muitas outras doenças. Em seis meses baptizaram-se 117 pessoas. O presidente do Brasil, comovido pela obra dos nossos missionários na Amazônia, observou: «Sei o que os Adventistas do Sétimo Dia estão fazendo ao longo do rio. Estais modificando a vida das pessoas e tornando-as mais felizes.»

A Irlanda está respondendo ao apelo da mensagem do Advento. Enquanto que o crescimento da igreja ali tem sido lento desde que a mensagem foi pela primeira vez pregada em 1890, hoje a resposta ao apelo é muito maior. Em 1955 erigiu-se um novo templo em Dublin. Em Junho de 1957 uma linda casa de adoração foi terminada e inaugurada em Belfast. Nestas igrejas realizam-se reuniões evangélicas com boa assistência. Em Belfast registou-se uma assistência média de 1.000 visitas nas

primeiras cinco duma série de reuniões evangélicas.

Na New Gallery, Regent Street, em Londres, na Inglaterra, entre 1.000 e 1.200 pessoas assistem regularmente aos serviços de evangelização nos domingos à noite. Houve ali 107 baptismos em 1957. Trezentas a quatrocentas pessoas ficam para reuniões especiais após cada reunião de domingo, sedentas de Deus e recebendo instrução no caminho da vida eterna.

Na Australásia o número de membros de igreja aumentou de 44 por cento nos últimos sete anos. Na África do Sul baptizaram-se 20.000 pessoas num período recente de doze meses. Duas divisões, além da Norte-Americana, ultrapassaram a marca de cem mil membros de igreja: a Inter-Americana, 120.624; e a Sul-Africana, 161.319. Mais três divisões esperam ter alcançado essa marca no fim de 1958.

Nos terrenos do nosso sanatório «La Lignière», perto de Gland, na Suíça, um monumento próprio marca o local onde, na tenda da Conferência Geral, se fundou a organização dos Missionários Voluntários. Nessa pedra estão inscritas as seguintes palavras: «Aqui, em 1907, se fundou o Movimento Mundial dos Missionários Voluntários da Juventude Adventista. 'Friséis à fé dos nossos pais' até à volta do nosso Salvador. Erigido em 19 de Agosto de 1957». Este monumento simboliza o espírito missionário dos Adventistas do Sétimo Dia. Ligados pela «fé dos nossos pais», este espírito impulsionalará o povo de Deus a ir por caminhos ainda não percorridos que se encontram à nossa frente. Que esta fé possa sustentar e mover as nossas vidas até ao glorioso dia da volta de Jesus, que nos trará a aprovação final: «Bem está, servo bom e fiel... Entra no gozo do teu Senhor».

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

(Leitura para Quinta-feira, 20 de Novembro de 1958)

A ÚLTIMA REFORMA NA TERRA

 Por L. C. NADEN

TODOS os que estudam fervorosamente a porção profética do livro de Deus devem ver com clareza que estamos chegados ao período de crise que os profetas indicaram como devendo vir imediatamente antes do segundo advento do Senhor. Entretanto, muito maior do que as crises política, social e económica dos nossos dias, é a crise que se desenvolveu na igreja cristã. Um fervoroso escritor cristão do nosso tempo declara que «...regeneração e reforma são as necessidades da hora presente. Sem isto a nossa civilização, os nossos hábitos, credos, organizações e instituições, são sem valor — sim, e também uma praga a mais. O apelo desta hora é para um retorno à Bíblia, às normas dos apóstolos e às práticas da igreja primitiva. Chegou o tempo de completar a reforma interrompida do século XVI. Chegou a hora de se repudiar todos os erros introduzidos nos primeiros séculos e consolidados durante a Idade Escura».

Damos todo o nosso apoio a esta declaração. Não há nenhuma dúvida de que os tempos requerem homens com uma mensagem divina, um povo com uma visão espiritual, uma igreja com a corajosa ousadia que lhe dêem as suas convicções. É certo que «o apelo desta hora é para um retorno à Bíblia, às normas dos apóstolos e às práticas da igreja primitiva». Somos encorajados ao rever na história da igreja cristã algumas das crises através das quais Deus a conduziu triunfantemente; cobramos coragem ao notar que em cada crise Deus suscitou homens e mulheres com mensagens para as necessidades da hora.

Durante a sua infância, e em poucos anos a seguir ao Pentecostes, encontramos a igreja cumprindo o mandado do Senhor: «Ide por todo o mundo»... Chefes

corajosos em breve se encontram explorando o caminho do evangelho em muitas partes do globo. Encararam uma assombrosa tarefa. Em pequeno número, odiados tanto por judeus como por romanos, proclamaram por toda a parte a mensagem dum Salvador crucificado e ressuscitado. Não se deixando deter pela oposição, a todos anunciaram a sua mensagem de vida. Enquanto avançavam pelo poder de Deus, «a espada do Espírito, de novo afiada com poder e banhada nos relâmpagos do Céu, abriu caminho através da incredulidade. Milhares se converteram num dia». *Actos dos Apóstolos*, pág. 38. Esses pioneiros do evangelho confiaram no único poder que pode levar ao êxito e a resultados eternos na causa de Deus — o poder do Espírito Santo. Este mesmo poder que confundiu, assombrou e converteu povo aos milhares no Pentecostes é hoje a mais urgente necessidade da igreja.

Deus abençoou grandemente a igreja durante aqueles primeiros anos, enquanto milhares de convertidos enchiam as congregações, mas ainda bem os restos dos martirizados apóstolos não haviam sido enterrados, já a igreja enveredava pelo caminho da apostasia. Paulo anteviu esta tragédia; referiu-se a ela como o abandono da fé. Declarou: «Porque eu sei isto, que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão ao rebanho; e que dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si». *Act. 20:29, 30*. Apesar de todos os esforços de Paulo para evitar a catástrofe, a igreja desviou-se da plataforma da verdade construída por Cristo e pelos apóstolos. Muitos dentro das suas fileiras escutaram, e aceitaram, outro evangelho. Notemos em Gálatas 1:6, 7, Paulo escrevendo à

igreja dizer: «Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho; o qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo». Este novo evangelho que inquietava a igreja cristã na sua infância tem-na perseguido sempre desde então, e baseia-se na doutrina da 'salvação pelas obras'. Milhares sem conto têm sempre querido ajudar o Senhor a salvá-los, mas «tudo o que importava pagar e fazer, Jesus o cumpriu a Seu santo querer».

Nenhum homem pode alcançar o reino por suas próprias obras. Se alguém tiver dúvidas nesse ponto, olhe para o ladrão morrendo sobre o monte do Calvário, e veja como ele achou completa e gratuita salvação em Cristo. Ele não pôde ir à igreja, não pôde fazer nenhum trabalho missionário, não pôde dar nenhuma oferta, não pôde fazer nada senão crer em Cristo e reclamá-Lo como seu Salvador. No entanto recebeu a bendita certeza, dos próprios lábios de Jesus, de que ele, o ladrão arrependido, teria um lugar consigo no paraíso. Queridos crentes, quaisquer boas obras que possamos fazer são o fruto da nossa salvação; os Adventistas não guardam a lei para ser salvos, mas porque são salvos. A irmã White declara que «Aquele que procura tornar-se santo por suas próprias obras, guardando a lei, tenta o impossível. Tudo o que o homem possa fazer sem Cristo, está poluído de egoísmo e pecado. É unicamente a graça de Cristo, pela fé, que nos pode tornar santos». *Aos Pés de Cristo*, pág. 50. (*Ant. Ed.*, pág. 90).

Sim, é o poder do Espírito Santo operando em nós que nos torna aptos a guardar os mandamentos de Deus.

Voltando agora à Idade Média, que encontramos? Descobrimos que a tocha da verdade foi quase eclipsada por uma escura nuvem de superstições e dogmas pagãos. As duas testemunhas, o Velho e o Novo Testamento, vestiram-se de saco e cinza durante os 1260 anos da profecia, que terminaram em 1798. Que tristeza! A igreja verdadeira, que deveria ter sido a luz do mundo, foi compelida a fugir para o deserto e a esconder-se nas cavernas e entre as rochas das montanhas. (Apoc. 12:6,14). E uma por uma, as importantes doutrinas e ordenanças cristãs foram dando o lugar aos ritos e às superstições do paganismo. A justiça pela fé perdeu-se de vista, e a salvação pelas obras tomou o seu lugar.

Mas, amigos, nessa hora de crise Deus suscitou um homem destemido para contradizer os erros e proclamar de novo as verdades vitais que havia muito estavam no esquecimento. O nome desse homem foi Martinho Lutero; a sua mensagem: «O justo viverá pela fé».

Falando da sua experiência antes de compreender a maravilhosa verdade da justificação pela fé em Cristo, Lutero disse «Eu fui verdadeiramente um frade piedoso, e segui as regras de minha ordem com mais severidade do que posso dizê-lo. Se jamais houve frade que entrou no céu por sua fradaria, eu de certo poderia entrar... Se aquilo houvera durado mais tempo, eu me tivera martinizado até à morte.» Citado em *História da Reforma*, por D'Aubigné, Tomo I, Liv. II, Cap. III, pág. 189.

Lutero passou sem alimento, desfalecido, e por vezes perdeu a consciência durante horas, mas continuou a sentir um fardo. Foi quando subia a escada de Pilatos de joelhos para obter justificação e salvação que ele ouviu a voz de Deus dizer: «O justo viverá pela fé». Foi uma lição difícil de aprender, mas quando a verdade daquela declaração despontou sobre ele, encheu-se de gozo, e o seu espírito teve paz.

O século XVIII foi um período de corrupção moral e espiritual em todo o território das Ilhas Britâ-

nicas. Naquele tempo na velha Inglaterra a pureza e a fidelidade eram escarnecidas e consideradas fora de moda, mas Deus tinha um homem pronto para fazer face à crise. Como Lutero, ele pregou a graça em Cristo. Descobriu verdades havia muito esquecidas e proclamou-as com o poder do Espírito Santo. Este homem foi João Wesley, um príncipe entre os homens. Alguns historiadores sustentam que ele fez mais pela Inglaterra no século XVIII do que todos os políticos juntos. Os seus ensinamentos e a sua influência sobre as massas salvaram sem dúvida a Inglaterra duma violenta revolução.

Como é encorajador observar que em cada época Deus suscitou estes reformadores para chamar a atenção do Seu povo para verdades vitais esquecidas. Pelo seu trabalho e ministério Deus estava gradualmente restaurando a fé que uma vez foi dada aos santos, — a fé pura não adulterada de Jesus. Agora a nota dominante da pregação do século XIX foi: «A segunda vinda de Cristo está próxima». A gloriosa verdade, mencionada mais de 300 vezes só no Novo Testamento, esta doutrina fundamental que havia sido esquecida pelos anos, era uma vez mais pregada por milhares de ministros à volta do globo. Levantou-se um grande despertamento religioso simultaneamente em diferentes partes do mundo. Dirigiu-se a atenção de muitos para as profecias da Palavra de Deus relativas ao tempo. Esta mensagem, de acordo com a profecia de Apocalipse 10:5, 6, era que «não haveria mais demora», que o segundo advento de nosso Senhor estava iminente. Guilherme Miller dirigiu o movimento nos Estados Unidos da América. Na Inglaterra dezenas de eclesiásticos anglicanos proclamaram a Bem-aventurada Esperança. Por exemplo, num sermão pregado na Quaresma, em 1843, o Rev.º C. J. Goodheart, M. A., ministro da Igreja de Inglaterra, disse: «Mas agora o tempo está correndo rapidamente e em breve Aquele que há-de vir virá e não tardará». Outro ministro anglicano, o Rev.º J. W. Brooks, pela mesma altura, enquanto pregava so-

bre a segunda vinda, disse: «Está claro que quando virmos um movimento missionário ou evangélico ir a todo o mundo levar o conhecimento do evangelho às nações, devemos interpretá-lo como um sinal. É Deus, proclamando com grande voz que chegou a hora do Juízo».

Irmãos em Cristo, segundo as profecias de Apocalipse, deveríamos ver um grande movimento missionário ou evangélico trabalhar em todo o mundo nestes últimos dias, fazendo conhecer o evangelho às nações. Lemos acerca dessa mensagem no capítulo catorze de Apocalipse. Foi sobre este capítulo que aquele ministro anglicano baseou as suas observações. Aqui a última mensagem de misericórdia de Deus é simbolizada por um anjo voando pelo meio do céu levando o evangelho a toda a nação, tribo, língua e povo. Esta grande e final mensagem de reforma fala de salvação gratuita e completa em Jesus. Adverte também contra a apostasia prevalecente da época. Em Apocalipse 14:7 lemos: «Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas». Segundo a profecia dos 2300 dias, a mensagem da hora do juízo devia ser dada em 1844. Quando o grande relógio profético do céu fez soar a hora, Deus suscitou um povo para levar a mensagem da hora do juízo ao mundo. Essa mensagem incluía um apelo a adorar o Deus que criou os céus e a terra. O modo natural de adorar Deus e reconhecê-Lo como Criador é guardar o memorial da Sua criação, que é o dia de Sábado. Esta grande verdade é realçada no *Moody Bible Institute Monthly*, de Novembro de 1930, num artigo de James G. Murphy que diz o seguinte: «Aquele que observa o Sábado como deve ser, atesta que a história daquilo que ele celebra é autêntica. Crê portanto na criação do primeiro homem, na criação duma residência perfeita para o homem no espaço de seis dias, na primitiva e absoluta criação dos céus e da terra como antecedente necessário a tudo isto, e no Criador que, no fim de toda a Sua obra, descansou no sé-

timo dia. O Sábado torna-se assim um sinal pelo qual os crentes numa revelação histórica se distinguem daqueles que deixam esquecer estes importantes factos.

João, escrevendo os resultados da proclamação da mensagem do terceiro anjo, declara: «Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus». Apoc. 14:12. Irmãos, como é emocionante a verdade de que existimos como povo em cumprimento da profecia bíblica. A última mensagem de reforma no mundo chamou-nos a sair de Babilónia. Cristo tomou-nos e, pela Sua graça, «em Seu sangue nos lavou dos nossos pecados» (Apoc. 1:5), pondo as nossas vidas em conformidade com a Sua vontade. Somos pois um povo que guarda os mandamentos. Cremos, e não dizemos isto egoisticamente, que este povo possui e guarda a fé pura não adulterada que uma vez foi dada aos santos. Temos aceitado todas as grandes verdades reveladas por Deus na Sua Palavra e restituídas à igreja pelos Seus mensageiros escolhidos desde os tempos da Reforma. Cremos num Salvador crucificado e ressuscitado. A nossa fé é centralizada em Cristo. Reconhecemos que o justo viverá pela fé e que só pela graça é que nos podemos salvar. Vencemos cada dia pela justiça que Ele nos atribui e pela fé olhamos para esse dia prestes a despontar, no qual havemos de receber a coroa da justiça. Poderíamos ter sido chamados «Metodistas» se o houvéssemos querido, porque verdadeiramente os Adventistas são um povo metódico na maneira de planear as actividades da igreja. Unidos na esperança, na fé e na doutrina, somos verdadeiramente «Irmãos» reunidos de toda a nação, tribo, língua e povo. Não existe qualquer animosidade nacional entre adventistas; barreiras de cor e de classe são-nos desconhecidas. Formamos um grande «Exército de Salvação» trabalhando zelosamente pela salvação das almas em todo o mundo nesta hora final da história da humanidade. Que privilégio o de se estar associado a uma tal «Sociedade de Amigos» no recrutamento

de homens e mulheres para a «Igreja de Cristo». Chamamo-nos «Adventistas do Sétimo Dia» porque para estas duas grandes doutrinas, o Sábado do sétimo dia e a segunda vinda de Cristo, deve ser chamada a atenção do povo dos nossos dias. O grande movimento de reforma a que pertencemos está levando ao mundo a última mensagem de advertência de Deus. Jesus disse: «E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim». Mat. 24:14. Só o povo adventista reúne as especificações da profecia de Apocalipse 14. Todos os que se têm levantado depois de 1844 vêm fora de tempo. Como disse o Irmão Spicer há alguns anos, «Em Apocalipse 14 o profeta João viu a aproximação da hora do juízo no céu em 1844. Viu levantar-se um povo observador dos mandamentos de Deus. Viu-o ir a toda a nação, tribo, língua e povo pregar a mensagem da hora do juízo, e a seguir vê em Apocalipse 15: 1-4 este mesmo movimento que se levantou em 1844 terminar no mar de vidro na cidade de Deus. Não há nenhuma modificação, nenhuma divisão, nenhuma nova organização. O movimento começado em 1844 é o mesmo que a profecia apresenta no mar de vidro». Em 1904 a Sr.^a White escreveu: «Aqueles que

conhecem os marcos que têm indicado o verdadeiro caminho... não devem deixar arrebatar das suas mãos o pendão do Terceiro Anjo.... Não podemos agora sair do fundamento que Deus estabeleceu. Não podemos agora entrar em nenhuma nova organização, pois isto significaria apostatar da Verdade». Ms. 129, 1905.

Quão animador é ver como a denominação se ajusta perfeitamente no quadro profético da última reforma na terra. Podemos certamente dizer como o Pedro da antiguidade: «Não temos seguido fábulas artificialmente compostas». A constatação de termos sido recolhidos por Deus para proclamar a Sua última mensagem de misericórdia a um mundo a perecer devia humilhar os nossos corações e encher-nos de temor. A declaração «vós sois as minhas testemunhas» é tão verdadeira hoje a nosso respeito como o era dos santos das eras passadas. Devemos considerar bem o nosso testemunho individual nesta semana especial de oração. Testificam os anjos que a nossa paciência é a paciência dos santos? Poder-se-á dizer de nós: «Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus»? A mensageira do Senhor informou-nos de que «o maior argumento em favor do evangelho é um cristão que ama e se pode amar». Deus permita que nós, os que somos chamados a ser as Suas testemunhas na última reforma na terra, possamos reflectir o Seu carácter, ser fiéis ao sagrado depósito e finalmente ser achados entre aqueles que o profeta João viu sobre o mar de vidro cantando o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro.

«E vi um como mar de vidro misturado com fogo; e também os que saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome, que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as arpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, Senhor Deus Todo-poderoso! justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos Santos». Apoc. 15:2,3.

EMISSÕES ADVENTISTAS

Temos o prazer de anunciar que, desde 15 de Julho, as emissões adventistas portuguesas se podem ouvir, em melhores condições do que anteriormente, através de

Rádio África Tânger

506 m (593 kc), todas as segundas-feiras, às 23 horas.

Ouvi e anunciai

(Leitura para Sexta-feira, 21 de Novembro de 1958)

«PARA TAL TEMPO COMO ESTE»

É um grande privilégio viver neste tempo. Observar os acontecimentos dirigindo-se para a culminação do propósito eterno de Deus é uma rara oportunidade ambicionada por patriarcas, profetas e apóstolos, mas reservada à juventude de hoje.

Cada crise tem levado a descobrir rapazes e meninas de insuspeitada capacidade e talento. Os grandes acontecimentos invariavelmente revelam grandes almas nas fileiras da juventude. Assim também nesta crise, a maior de todas as épocas, os jovens que têm consagrado as suas vidas a Deus serão levados pela grave solenidade dos tempos a cometer actos de heroísmo e de sacrifício sem paralelo nos anais do tempo. O esforço da luta final produzirá os mais nobres filhos e filhas da terra.

Numa hora como esta o chamado de Deus dirige-se a todo o jovem como se dirigiu à rainha Ester quando Assuero ameaçava o seu povo. «Quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?» Através dos planos do ímpio Hamã o rei tinha publicado um edito autorizando o massacre dos Judeus. Era um momento de terrível crise para eles. A sua única esperança residia no sucesso do pedido da bonita rainha. Sendo judia, ainda que rainha da Pérsia, Ester compreendeu que Deus a havia incumbido desta tarefa. Com bravura assumiu a responsabilidade, sabendo que visitar o rei sem ser convidada seria desafiar o desfavor e talvez a morte. «Perecendo, pereço», disse ela, e avançou corajosamente para fazer a sua parte. A crise instigou aquela alma a uma nobre acção, e Deus operou um grande livramento para o Seu povo.

Enquanto percorrem toda a terra procurando aqueles cujo coração se volta para Ele, os olhos do Senhor pousam e voltam a pousar sobre os belos jovens destemidos e as pensativas e perspicazes

≡≡≡ Por THEODORE LUCAS ≡≡≡

jovens de hoje. Jovens amigos, Deus anseia que vos entregueis a Ele sem reservas. Ele deseja entregar-vos grandes tarefas que requerem a maior coragem, os mais sólidos nervos, a maior resistência. Entre as vossas fileiras vê Ele os Seus mais fortes campeões que manterão a honra do Seu nome ainda que caíam os céus.

Deus dá aos jovens a incumbência de levar a toda a humanidade a Sua última advertência e mensagem de salvação. É a vós que incumbe, de todas as vossas forças, pela voz e pela pena, pregando e visitando, fazendo serviço missionário e espalhando a página impressa, despertar homens e mulheres por toda a parte para a compreensão do profundo significado deste tempo solene.

Pelo ministério do amor aos pobres, aos doentes e aos necessitados, Deus deseja que reveleis o Seu amor aos homens e que os desvieis dos seus maus caminhos para O servirem de todo o seu coração. O convite que Deus hoje faz aos jovens é verdadeiramente uma exortação a nobres tarefas. Todos os que se renderem inteiramente a Ele e de todo o coração se puserem do Seu lado, resolvidos a permanecer firmes na Sua causa contra todos os obstáculos, e a todo o custo guardarem os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, verão que Ele honrará a sua fé e coragem.

Quando o jovem príncipe se aproximou do Senhor e Lhe falou acerca do caminho da vida, diz-se-nos que «Jesus, olhando para ele, o amou». Ele estava guardando os mandamentos da melhor maneira que sabia. Jesus foi atraído para este jovem belo, forte e recto, e alegrou-Se pela pureza e beleza da sua vida. Até ali ninguém se apresentara a Ele com tão promissoras qualidades. Que preciosas possibi-

lidades tinha ele! Certamente que este esplêndido jovem se podia tornar um poderoso campeão da justiça. Para que a sua vida se tornasse mais rica e mais profunda o Senhor sugeriu um acto de sacrifício. Ele queria que o mancebo compreendesse que a guarda dos mandamentos, conquanto muito recomendável e necessária, não é em si mesmo suficiente.

O jovem afastou-se pesaroso, não querendo submeter-se ao que lhe era exigido. Soubesse-o ele ou não, a grande oportunidade da sua vida havia passado. Agarrou-se ao seu dinheiro mas perdeu riquezas eternas. Em vez de se tornar um grande dirigente na causa de Deus e de unir o seu destino ao da igreja cristã primitiva, apagou-se o seu nome da história. Tudo o que resta é o relato da sua trágica escolha.

Só o Espírito Santo pode produzir um carácter cristão e um testemunho eficaz. A qualidade de ser bom, amável, alegre, pacífico não é inerente à natureza humana. Exige um milagre operado pelo Espírito de Deus. Pelo Seu Santo Espírito, Deus está falando a vós, jovens de hoje. Olhando para vós, Ele ama-vos. A cada mancebo, diz: «Filho Meu, dá-Me o teu coração». A cada menina suplica: «Vinde a Mim. Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim». Dinheiro e posição não fazem para Ele diferença. Ele achou David com as ovelhas; Gideão malhando o trigo no lagar; Paulo no caminho de Damasco. Achou Amós, boieiro e cultivador de sicómoros, o mais pobre dos pobres. No entanto o Senhor tomou-o de após o gado e disse: «Vai, e profetiza ao Meu povo Israel». Não há posição ou categoria social que conte aos Seus olhos, mas sim o desejo de ouvir e obedecer.

Tal acto de renúncia vos colocará imediatamente na companhia dos Seus escolhidos. Abrir-vos-á as mais ricas possibilidades dum

alegre companheirismo no Seu serviço. Alcançareis muito mais elevada posição do que alcançaríeis sem Ele. Os jovens devem vir a compreender que a salvação é pela fé e que o sentimento não é apenas accidental e transitório. Não deveis cometer o erro de medir a vossa espiritualidade pela experiência de outros, mas compreender que a religião se manifesta na pessoa de acordo com a sua relação individual com Cristo. Deveis ter confiança em que, se derdes livremente a Cristo o vosso coração, Ele moldará a vossa personalidade cristã segundo a Sua vontade. Tem-se a impressão de que às vezes os assuntos espirituais têm importância pelo que os outros podem pensar ou o que acontece sentirmos no momento. Outras vezes pode parecer que os assuntos espirituais são relativamente de pouca importância por razões que influenciam a nossa vida ou a vida dos que nos cercam. Assim os princípios espirituais são postos em segundo plano, e a conveniência decidirá da atenção a dispensar-lhes. A coerência é indispensável se desejamos experimentar as realidades da vida espiritual.

Jovens, deveis procurar promover no vosso coração e na vossa vida um contínuo crescimento e expansão espiritual. Isto pode conseguir-se pelo estudo regular e sistemático da Bíblia, pela meditação sincera e pela oração, ao mesmo tempo falando e escutando a Deus. Deveis reverenciar a igreja como sendo a casa de Deus, o lugar de adoração e a oficina onde Deus trabalha para a salvação das almas. Nunca deveis permitir que vós próprios a profaneis por frivolidade ou qualquer atitude imprópria num lugar santo. Deve ser esta a maneira de proceder dos jovens para com tudo o que é sagrado, nunca permitindo que as vossas palavras sugiram petulância para com as coisas religiosas, como se nota tanto entre a juventude hoje em dia. O vosso carácter cristão também vos levará a exprimir na vossa vida a preciosa graça do amor aos vossos pais e a honra e o respeito devidos a todos os vossos superiores.

É somente pela participação activa e o esforço religioso que os jovens podem promover um mais profundo interesse e desenvolver aptidão no trabalho para Deus. Procurareis por isso saber qual é o vosso talento particular e devotá-lo de todo o coração às actividades onde podereis dar o máximo rendimento. Jovens, nunca deis a impressão de ter vergonha da vossa religião, mas ao contrário enchei-vos de tal confiança e orgulho nos seus ideais e propósitos, que eleveis no espírito de todos com quem contactardes o Cristo a quem vós servis. Deveis saber que, se manifestardes sempre e em toda a parte os mais atractivos atributos da vida cristã tais como alegria e contentamento genuínos, bondade e simpatia, compreensão e tolerância, provareis ser exemplos daquilo que hoje mais se necessita — religião pura e sã. Deveis pelo exemplo da vossa vida combater a errada noção de que o cristianismo torna as pessoas fracas ou subtrai à personalidade os elementos que fazem o vigor da juventude. Precisais viver de tal maneira que a vossa vida seja um repto a todos os jovens que seriamente procuram riqueza e plenitude de vida.

Os princípios e as normas de Deus são permanentes. A Bíblia e o Espírito de profecia indicam um método de viver com o qual podemos alcançar o sucesso. Eles provêem indicações para a formação de hábitos correctos de pensamento e de acção, assim como para o desenvolvimento de ideais, normas e princípios que proporcionam força de carácter e personalidade agradável.

A força de carácter consiste em virtudes positivas — ambição, indústria, integridade, força de vontade, confiança em si e capacidade de direcção. Uma personalidade atraente é o resultado de cultivar a amizade, adaptabilidade, tacto, alegria, decoro, simpatia e um juízo correcto. Na excelente análise dos caracteres bíblicos — a pureza de José, a mansidão de Moisés, a coragem de Josué, o fervor e a ambição de Paulo, e a simpatia e cordialidade de João o Amado — temos o melhor pa-

drão possível, para uma vida vitoriosa. Não se pode encontrar melhor estímulo para o desenvolvimento duma vida sã do que o lema: «O amor de Cristo nos constrange», nem existe objectivo mais elevado para os jovens do que «A mensagem do Advento a todo o mundo nesta geração».

«Quando Moisés estava prestes a erigir o santuário no deserto, foi advertido: 'Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou'. Heb. 8:5. Em Sua lei, deu-nos Deus o modelo. A edificação de nosso carácter deve operar-se segundo 'o modelo que no monte se te mostrou'. A lei é a grande norma de justiça. Representa o carácter de Deus e é a prova de nossa lealdade a Seu governo. E ela nos é revelada, em toda a sua beleza e excelência, na vida de Cristo....

«Na obra da edificação do carácter, é necessária exactidão. Deve existir um sincero propósito de executar o plano do Construtor-Mestre. Sólidas devem ser as vigas. Não se pode aceitar obra descuidada, não merecedora de confiança, pois isto arruinaria a edificação. As faculdades de todo o ser devem ser colocadas na obra. Esta exige a força e a energia da varonilidade; nenhuma reserva para ser gasta em assuntos destituídos de importância.... Deve haver sincero, cuidadoso e perseverante esforço para romper com os costumes, regras e associações do mundo. Profundidade de pensamento, sinceridade de desígnio, firme integridade, são essenciais». *Conselhos aos Professores*, pág. 56.

Mesquinhas competições na vida nunca satisfarão Cristo. A alegria completa só será uma realidade quando vos tiverdes desfeito de todos os vossos ídolos. Não se pode encontrar segurança nas coisas materiais da vida. Quão mesquinhas são elas quando vos lembrais do que Ele pode fazer de vós se a Ele vos submetterdes com aquela plenitude que traz à vida todas as vossas capacidades.

Não deve haver nada meio feito para a juventude cristã. Os jovens encontram pouco incitamento na indiferença. Nada deve impedir a

utilização completa do vosso ser por Cristo Jesus.

«Não deve haver preguiça. A vida é coisa importante, um sagrado depósito; e todo o momento deve ser sãbiamente aproveitado, pois seus resultados se hão-de ver na eternidade. Deus requer que cada um faça todo o bem possível. Os talentos por Ele confiados à nossa guarda, devem ser aproveitados ao máximo. Ele no-los colocou nas mãos para serem empregados para honra e glória de Seu nome, e para o bem de nossos semelhantes....

«O Senhor tem, para aqueles que guardam Sua lei, preciosas promessas nesta vida. Diz: 'Filho Meu, não te esqueças da Minha lei, e o teu coração guarde os

Meus mandamentos. Porque eles aumentarão os teus dias, e te acrescentarão anos de vida e paz. Não te desamparem a benignidade e a fidelidade: ata-as ao teu pescoço; escreve-as na tábua do teu coração. E acharás graça e bom entendimento aos olhos de Deus e dos homens'. Prov. 3:1-4.

«Uma recompensa melhor que a terrena, porém, aguarda os que, baseando a sua obra na sólida Rocha, constroem caracteres simétricos, em harmonia com a Palavra viva. Para esses está preparada 'a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus'. Heb. 11:10. As ruas dessa cidade são calçadas de ouro. Nela se encontra o paraíso de Deus, re-

gado pelo rio da vida, que procede do trono. No meio da rua, e de ambos os lados do rio, está a árvore da vida, que dá o seu fruto de mês em mês; 'e as folhas da árvore são para a saúde das nações'.

«Pais, professores, alunos, lembrai-vos de que estais edificando para a eternidade. Vêde que seja seguro o vosso fundamento; construí então firmemente, e com persistente esforço, mas com brandura, mansidão e amor. Assim permanecerá vossa casa inabalável, não somente quando sobrevierem as tempestades da tentação, mas quando o esmagador dilúvio da ira de Deus assolar o mundo». *Conselhos aos Professores*, págs. 56, 57.

(Leitura para Sábado, 22 de Novembro de 1958)

CRISTO, O CENTRO DA MENSAGEM

A mensagem do terceiro anjo reclama a apresentação do Sábado do quarto mandamento e essa verdade deve ser proclamada ao mundo, mas não se deve esquecer o grande centro de atracção desta mensagem: Jesus Cristo. Muitos dos que se têm empenhado na obra para este tempo têm posto Cristo em segundo plano, e as teorias e argumentos em primeiro lugar. Não se tem posto em evidência a glória de Deus revelada a Moisés, respeitante ao carácter divino. O Senhor disse a Moisés: «Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti». «Passando pois o Senhor perante a sua face, clamou: Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade». Ex. 33:19; 34:6.

Parece que um véu tem estado posto diante dos olhos de muitos que têm trabalhado na causa, de maneira que, quando apresentavam a lei, não viam Jesus, e não proclamaram o facto de que, onde o pecado abundou, superabundou a graça. É na cruz do Calvário

Pela SR.^a E. G. WHITE

que se encontram a misericórdia e a verdade, que a justiça e a paz se beijam. O pecador deve olhar sempre para o Calvário, e com a fé simples duma criança, deve descansar nos méritos de Cristo, aceitando a Sua justiça e crendo na Sua misericórdia. Os obreiros na causa da verdade devem apresentar a justiça de Cristo, não como uma nova luz, mas como uma luz preciosa que por algum tempo o povo perdeu de vista. Temos que aceitar a Jesus como o nosso Salvador pessoal e Ele nos imputa a justiça de Deus em Cristo. Repitamos e salientemos a verdade que João revelou: «Nisto está a caridade, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou a nós, e enviou Seu Filho para propiciação pelos nossos pecados».

No amor de Deus se revelou o mais maravilhoso filão da preciosa verdade, e os tesouros da

graça de Cristo se abriram perante a igreja e o mundo. «Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu Filho Unigénito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna». Que grande amor, — que amor maravilhoso e insondável! — que levou Cristo a morrer por nós enquanto éramos ainda pecadores. Que perda para a alma que compreende os fortes reclamos da lei e que ainda não vê a graça de Cristo que superabunda. É um facto que a lei de Deus revela o Seu amor quando apresentada como a verdade em Jesus. O dom de Cristo a este culpado mundo deve ser assunto de demorada consideração cada vez que a verdade é apresentada. Não admira que os corações se não tenham abrandado com a verdade, se ela tem sido apresentada de maneira fria e sem vida. Não admira que a fé tenha vacilado nas promessas de Deus, se os ministros e obreiros não têm apresentado Jesus em relação com a lei de Deus. Tantas vezes deviam eles ter afirmado ao povo

que, «Aquele que nem mesmo a Seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas?» Rom. 8:32.

Satanás decidiu que os homens não haveriam de ver o amor de Deus, que O levou a dar o Seu Filho Unigénito para salvar a raça perdida. Pois que é a bondade de Deus que leva os homens ao arrependimento, oh! como poderemos nós apresentar satisfatoriamente ao mundo o imenso e precioso amor de Deus? De nenhum outro modo o alcançaremos senão exclamando: «Vêde, quão grande caridade nos tem concedido o Pai, que fôssemos chamados filhos de Deus!» Digamos aos pecadores: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!» Apresentando Jesus como o representante do Pai, devemos poder desfazer a sombra que Satanás lançou sobre a nossa vereda, para não vermos a misericórdia e o inexprimível amor de Deus manifestado em Jesus Cristo.

Fixai o olhar sobre a cruz do Calvário. Ela é uma garantia do ilimitado amor e da incomensurável misericórdia do Pai celeste. Oh! que todos se possam arrepender e praticar as primeiras obras! Quando as igrejas fizerem assim, amarão a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmas. Efraim não terá inveja de Judá e Judá não ofenderá Efraim. As divisões conciliar-se-ão, os ásperos sons da contenda não mais se ouvirão nas fronteiras de Israel. Pela graça livremente oferecida por Deus, todos procurarão responder às orações de Cristo para que os Seus discípulos sejam um assim como Ele e o Pai são um. Paz, amor, misericórdia e benevolência serão os princípios permanentes na alma. O amor de Cristo será o tema de cada conversa, e a Testemunha fiel não mais dirá: «Tenho contra ti que deixaste a tua primeira caridade». O povo de Deus permanecerá em Cristo, revelar-se-á o amor de Jesus, e um mesmo espírito animará todos os corações, regenerando e renovando todos à imagem de Cristo, tornando-os todos semelhantes. Como varas vivas da Vi-

deira verdadeira, todos estarão unidos em Cristo, a cepa viva. Cristo habitará em cada coração, guiando, confortando, santificando, e apresentando ao mundo a unidade dos seguidores de Jesus, dando assim testemunho de que a igreja remanescente recebeu as credenciais celestes. A unidade da igreja de Cristo provará que Deus enviou o Seu Filho unigénito ao mundo.

Quando o povo de Deus for um na unidade do Espírito, todo o farisaísmo, toda a justiça própria, que foram o pecado da nação judaica, serão expelidos de todos os corações. Ver-se-á o modelo de Cristo em cada um dos membros do Seu corpo, e o Seu povo será como odres novos onde Ele poderá deitar vinho novo, sem que o vinho novo rebente com os odres. Deus tornará conhecido o mistério que tem estado oculto durante séculos. Ele mostrará as «riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória; a quem anunciamos, admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo; e para isto também trabalho, combatendo segundo a Sua eficácia, que obra em mim poderosamente». Col. 1:27-29.

Jesus veio comunicar à alma humana o Santo Espírito, pelo qual o amor de Deus é derramado no coração; mas é impossível dotar do Espírito Santo homens com ideias fixas, cujas doutrinas são estereotipadas e imutáveis, que seguem as tradições e os mandamentos dos homens, como os judeus no tempo de Cristo. Eles eram muito exactos nas observâncias da igreja, muito rigorosos em seguir as suas formas, mas eram destituídos de vitalidade e devoção religiosa. Jesus comparou-os a peles secas que então se usavam em vez de garrafas. O evangelho não podia ser posto nos seus corações porque não havia lugar para o conter. Eles não podiam ser os odres novos onde o Mestre pudesse deitar o Seu vinho novo. Cristo foi obrigado a procurar, fora dos escribas e dos fariseus, vasos para

a Sua doutrina de verdade e vida. Tinha de encontrar homens desejosos de que o seu coração fosse regenerado. Ele veio dar aos homens um coração novo. Ele disse: «E vos darei um coração novo». Mas a justiça própria daquele tempo e também do nosso tempo não sente necessidade de receber um coração novo. Jesus deixou os escribas e os fariseus porque eles não sentiam necessidade dum Salvador. Estavam aferrados às formas e cerimónias. Esses serviços haviam sido instituídos por Cristo, tinham sido cheios de vitalidade e beleza espiritual; mas os judeus haviam perdido a vida espiritual das suas cerimónias, e se agarrado às formas, quando aquela se extinguiu no meio deles. Quando se afastaram dos requisitos da lei de Deus, procuraram suprir a falta do que haviam perdido, multiplicando os seus próprios requisitos e criando exigências mais rigorosas do que as de Deus; e quanto mais rígidos se tornavam, menos manifestavam o amor e o Espírito de Deus. Jesus disse ao povo: «Na cadeira de Moisés estão assentados os escribas e fariseus. Observai, pois, e praticai tudo o que vos disserem; mas não procedais em conformidade com as suas obras, porque dizem e não praticam; pois atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem aos ombros dos homens; eles, porém, nem com o dedo que-

Emissões Adventistas Angolanas

Os postos emissores de Benguela e de Moçâmedes estão a radiodifundir a Mensagem Adventista, em boas condições de audição.

Rádio-Benguela transmite a nossa Mensagem nas Segundas-feiras, às 20 e 30, nas bandas de 31 m e 60 m.

Rádio-Moçâmedes também a transmite, nas Quartas-feiras, às 19 e 30 na banda dos 42 m.

Procuremos ouvi-las e recomendemo-las, também, aos nossos conhecidos e amigos.

rem movê-los; e fazem todas as obras a fim de serem vistos pelos homens; pois trazem largas fí-lactérias, e alargam as franjas dos seus vestidos, e amam os primeiros lugares nas ceias e as primeiras cadeiras nas sinagogas, e as saudações nas praças, e o serem chamados pelos homens—Rabi, Rabi... Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que dizíeis a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas». Mat. 23:2-7, 23.

A igreja remanescente deve passar por uma experiência semelhante à dos judeus; e a Testemunha fiel, que passeia no meio dos sete castiçais de ouro, tem uma mensagem solene a dar ao Seu povo. Ela diz: «Tenho, porém, contra ti que deixaste a tua primeira caridade. Lembra-te pois donde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; quando não, brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres». Apoc. 2:4,5. O amor de Deus tem diminuído na igreja, e, como resultado, o amor próprio tem entrado em nova actividade. Com a perda do amor a Deus veio a perda do amor pelos irmãos. A igreja pode corresponder a toda a descri-

ção feita da igreja de Éfeso, e mesmo assim falhar em piedade vital. Dela disse Jesus: «Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são, e tu os achaste mentirosos. E sofreste, e tens paciência; e trabalhaste pelo Meu nome, e não te cansaste. Tenho, porém, contra ti que deixaste a tua primeira caridade». Apoc. 2:2-4.

Tem-se pensado que uma religião legal é a religião correcta para este tempo, mas é um erro. A reprovação feita por Cristo aos fariseus aplica-se àqueles em cujo coração se perdeu o primeiro amor. Uma religião fria e legal nunca pode levar almas a Cristo, porque é uma religião sem amor, sem Cristo. Quando o jejum e a oração se praticam no espírito de auto-justificação, são abomináveis a Deus. A solene assembleia para adoração, o círculo de cerimónias religiosas, a humilhação exterior, o sacrifício imposto—proclamam todos ao mundo o testemunho de que o que pratica estas coisas se considera justo. Estas coisas chamam a atenção para o observador dos deveres rigorosos, dizendo: — Este homem merece o céu. Mas é tudo um engano. As obras não

nos comprarão uma entrada no céu. A única grande Oferta que foi feita é suficiente para todos os que creem. O amor de Cristo animará o crente duma nova vida. O que bebe a água da fonte da vida, ficará repleto do vinho novo do reino. A fé em Cristo será o meio pelo qual o verdadeiro espírito e motivo actuarão no crente, e toda a bondade e espírito celeste procederão daquele que olhar para Jesus, o autor e consumidor da sua fé. Olhai para Deus, não olheis para os homens. Deus é o vosso Pai celestial que espera pacientemente para carregar com as vossas enfermidades, perdoá-las e curá-las. «A vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste». João 17:3. Contemplando Cristo, se-reis transformados até odiardes o vosso orgulho passado, a vossa vaidade e conceito próprio, a vossa justiça e incredulidade. Lançareis fora estes pecados como carga sem valor, e andareis humilde, mansa e confiadamente diante de Deus. Praticareis o amor, a paciência, a mansidão, a bondade, a misericórdia e toda a graça que habita num filho de Deus, e encontrareis finalmente um lugar entre os santificados e santos.

